



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 3.607, de 17/10/05, D.O.U. nº 202, de 20/10/2005
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Thávila Kaline Miranda

ADMIRÁVEL MUNDO CONTEMPORÂNEO: a medicalização do sujeito na
sociedade do espetáculo

PALMAS-TO
2016

Thávila Kaline Miranda
ADMIRÁVEL MUNDO CONTEMPORÂNEO: a medicalização do sujeito na
sociedade do espetáculo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Dr. Adriano Machado Oliveira.

Dados internacionais da catalogação na publicação.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo – CRB-8/298

Miranda, Thávila Kaline
M672a Admirável mundo contemporâneo: a medicalização do sujeito
na sociedade do espetáculo / Thávila Kaline Miranda –
Palmas, 2016
69 fls., 29 cm. il.

Orientação: Prof^o. Dr. Adriano Machado Oliveira
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2016

1. Admirável mundo novo. 2. Psiquiatrização da vida. 3.
Medicalização da vida. 3. Sociedade do consumo. 4.
Sociedade do espetáculo. I. Oliveira, Adriano Machado
.II. Título. IV. Psicologia.

CDU: 159.9

Thávila Kaline Miranda
ADMIRÁVEL MUNDO CONTEMPORÂNEO: a medicalização do sujeito na
sociedade do espetáculo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof.º. Dr. Adriano Machado Oliveira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Machado Oliveira.
Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Esp. Sonielson Luciano de Sousa
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.ª. Dra. Irenides Teixeira
Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP

Palmas – TO
2016

*Dedico este trabalho a todo aquele que tem dentro de si um pouco do Selvagem e
uma dose de loucura nessa sociedade homogeneizada.*

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata a todas as pessoas que me proporcionaram experiências ao longo da minha trajetória pessoal e acadêmica. Esse trabalho é produto do que vivi e me tornei.

Assim, agradeço ao meu avó Antônio, que mesmo estando em algum outro lugar no universo, ainda vive em mim. Obrigada vó por transformar momentos tão singelos – como um cappuccino à tarde –, em preciosidades.

À minha avó Augusta por ter embalado meus sonhos quando criança e por me apoiar em meus sonhos adultos.

À minha mãe por ter dado sempre o seu melhor, por ter me dado a irmã que tanto amo, e por acreditar e se orgulhar da profissão que escolhi seguir.

Ao meu pai por todo o contato que tive com a natureza, com a vida e com sua influência musical. Obrigada por sempre me proporcionar os recursos para que eu pudesse prosseguir nos meus sonhos.

À minha tia Tida por ser também minha referência materna, por sempre me amar e apoiar.

Agradeço a todos os grandes mestres que tive que fizeram diferença em quem sou.

Ao meu orientador professor Doutor Adriano Oliveira, por ter comprado minha ideia e acreditado em mim em momentos que eu mesma duvidei. Obrigada por todo o referencial teórico que me proporcionou conhecer, e apesar de algumas divergências teóricas, cresci muito e hoje sei que eu não poderia ter feito melhor escolha!

À minha banca: Irenides e Sonielson, obrigada por todas as contribuições que fizeram esse trabalho crescer!

Agradeço imensamente à Lauriane por me apresentar o livro *Admirável Mundo Novo*, o qual me inspirou nesse trabalho. Obrigada por todas as disciplinas e conversas que me fizeram expandir, você faz parte da rebelde que eu me tornei!

Agradeço ao meu ex-professor e grande amigo, Jonatha Rospide. Obrigada por fazer parte do meu processo de desterritorialização, por sempre ter me

incentivado e mostrado meu potencial! Como eu sempre digo, graças à você me tornei um monstrinho!

À professora doutora Rosana Tavares por ter feito eu me apaixonar por Saúde Mental!

Ao professor Wayne por toda sua generosidade e carinho comigo e por todas as vezes que amparou minhas angústias.

Ao Fábio, por ter trazido música e poesia para os meus dias! Por todas as experiências de expansão de consciência e transcendência. Por me mostrar o mundo através das suas asas e por ter me feito voar! Obrigada por ter me ensinado que o amor é liberdade! E Por todas as leituras e contribuições em meu trabalho! Eu te amo!

Às minhas amigas Ismarina e Lara por terem começado a trajetória acadêmica comigo. Hoje eu sigo um pouco na frente, mas estarei com vocês até a eternidade, mesmo com nossas diferenças que nos completam! Eu amo vocês!

À minha amiga Ana Carolina por ter trilhado esse caminho da dissertação primeiro e ter me auxiliado sempre em minhas angústias. Obrigada por sempre me ouvir e me acolher!

Às minhas amigas Cândida, Patrícia e Adriele por todo o amor e candura com que alegam meus dias na faculdade.

Ao meu amigo Pedro por ter me acompanhado durante esse ano e apoiado meus sonhos inquietantes no estágio.

Às excelentes terapeutas que tive que fizeram parte da minha mudança: Obrigada Thyanne por ter me feito perceber que os fantasmas, são apenas fantasmas! E à Keila por ter seguido com minhas mudanças e me auxiliado no meu processo de crescimento e individuação. Vocês duas me mostraram o melhor de mim!

Agradeço a todos os usuários do CAPS AD que compartilharam suas experiências e histórias comigo ao longo desse ano, muitas das quais contribuíram para esse trabalho. Vocês foram minha terapia semanal!

Agradeço por fim, a todos os meus clientes da clinica escola por terem me permitido crescer como acadêmica e como pessoa. Admiro a todos vocês que suportaram todas as tensões da vida até mesmo sem os psicofármacos!

Estou vivendo
No mundo do hospital
Tomando remédios
De psiquiatria mental

Haldol, Diazepam
Rohypnol, Prometazina
Meu médico não sabe
Como me tornar
Um cara normal

Me amarram, me aplicam
Me sufocam
Num quarto trancado
Socorro
Sou um cara normal
Asfixiado

Minha mãe, meu irmão
Minha tia, minha tia
Me encheram de drogas
De levomepromazina

Ai, ai, ai
Que sufoco da vida
Sufoco louco
Tô cansado
De tanta
Levomepromazina

(Sufoco da Vida- Harmonia Enlouquece).

RESUMO

SILVA, Thávila Kaline Miranda. **Admirável Mundo Contemporâneo: A medicalização do sujeito na sociedade do espetáculo. 69f.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

O presente trabalho correlaciona a obra Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley (1932) ao atual engendramento de subjetivação e medicalização na sociedade contemporânea. Discute-se as influências da mídia atual e suas ferramentas de entretenimento para produzir a chamada sociedade do espetáculo, conceito do teórico Guy Debord. Busca-se possíveis interpretações sobre os rumos dessa construção subjetiva pautada no consumismo e narcisismo, levando a consolidação do sujeito sensorial, conceito de Jurandir Freire-Costa. A partir disso, foram analisadas as implicações desse processo, as quais contribuem para a psiquiatrização e medicalização de atos que vão ao encontro do discurso instituído. Na discussão teórica também é problematizou-se a produção do sujeito cerebral, uma vez que, a ciência tem colocado o cérebro como evidência, fazendo com que a população leiga acredite que transtornos mentais são ocasionados por disfunções neurológicas, assim, recorre a psicotrópicos como tentativa de dar fim aos conflitos psicológicos. Os dados estatísticos analisados demonstram a crescente produção e consumo de psicotrópicos no Brasil. Como conclusão, foi trazido em questão a análise do livro Admirável Mundo Novo e suas correlações com a contemporaneidade, assim como as consequências desse processo de medicalização, podendo levar ao apagamento do sujeito.

Palavras-chave: Admirável Mundo Novo; Psiquiatrização da vida; Medicalização da vida; Sociedade do consumo; Sociedade do espetáculo.

RESUMEN

Este estudio correlaciona la obra *Un mundo feliz*, de Aldous Huxley (1932) al actual engendramiento de subjetivación y medicalización de la sociedad contemporánea. Se discute las influencias de los medios de comunicación actuales y sus herramientas de entretenimiento para producir la denominada sociedad del espectáculo, concepto teórico Guy Debord. Se buscan posibles interpretaciones acerca de los rumbos de esa construcción subjetiva guiada por el consumismo y el narcisismo, lo que lleva a la consolidación del sujeto sensorial, concepto de Jurandir Freire Costa. A partir de eso, se analizó las implicaciones de este proceso, que contribuye a la psiquiatrización y medicalización de los actos que no cumplen con el discurso establecido. En la discusión teórica también se pone en duda la producción del sujeto cerebral, ya que la ciencia ha colocado el cerebro como prueba, haciendo con que la población leiga crea que los trastornos mentales son causados por disfunciones neurológicas, por lo tanto utiliza los psicotrópicos con el intento de poner fin a los conflictos psicológicos. Los datos estadísticos demuestran la creciente producción y consumo de drogas psicotrópicas en Brasil. Como conclusión, se ha traído un análisis del libro *Un mundo feliz* y su correlación con la vida contemporánea, así como las consecuencias de este proceso de medicalización que puede conducir a la eliminación del sujeto.

Palabras clave: Um mundo feliz; Psiquiatrización la vida; La medicalización de la vida; La sociedad de consumo; La sociedad del espectáculo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1-	Importação de Metilfenidato no Brasil (kg).....	32
Gráfico 2-	Comprimidos de Metilfenidato comprados e dispensados em cinco anos pelo sistema público de saúde no estado de São Paulo.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição frequencial dos usuários medicados pela psiquiatria conforme a evolução dos casos no período de 2005 a 2007.....	36
Tabela 2	Medicamentos mais consumidos no Brasil, em 2007.....	36
Tabela 3	Medicamentos mais consumidos no Brasil, em 2010.....	37
Tabela 4	Maiores fabricantes de Clonazepam em 2013.....	38
Tabela 5	Venda de Clonazepam no Brasil.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Associação Americana de Psiquiatria
BZD	Benzodiazepínicos
CAPS AD	Centro de atenção Psicossocial em Álcool e Outras drogas
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
DSM	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CAPÍTULO I A PSQUIATRIZAÇÃO DA VIDA E ESPETACULARIZAÇÃO DO SUJEITO	18
2.1 A Sociedade do Consumo e o Sujeito do Espetáculo.	18
2.2 A Psiquiatria do sujeito.	24
3 CAPÍTULO II ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E OS DIAGNÓSTICOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	41
3.1 A Distopia e os Dispositivos de Controle.....	41
3.2 O Soma nosso de cada dia nos dai hoje!	49
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A obra *Admirável Mundo Novo* (1932) de Aldous Huxley, trata-se de uma distopia. As distopias são norteadas por uma visão ético-político que produz reflexões e análises acerca da sociedade, “no sentido literal, significa forma distorcida de um lugar. Neste caso se referindo a um curso anormal e inesperado de acontecimentos que compõem determinada forma social” (HILÁRIO, 2013. p. 205).

Assim sendo, a obra de Huxley (1932) foi lançada na Inglaterra em um cenário em que predominava o totalitarismo político (fascismo). Na economia, observava-se a expansão industrial marcada pela indústria automobilística, cujo modelo de produção era o Fordismo, o que serve como ponto de partida para a obra, pois, na época retratada no livro Ford era adorado como um deus (SOUZA, 2012).

O autor acreditava que seria uma obra futurista, no entanto, algumas de suas pontuações começaram a ser observadas anos depois da publicação. Em *O Regresso ao Admirável Mundo Novo* (1946), Huxley analisa as previsões já concretizadas em seu tempo:

Em 1931, quando a *Admirável Mundo Novo* estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo. A sociedade completamente organizada, o sistema científico das castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme – estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo dos meus netos (....) As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava (HUXLEY, 1946. p.6).

Em *Admirável Mundo Novo*, a sociedade era criada em linha de produção, assim como no Fordismo, sendo dividida em castas, as quais já eram condicionadas socialmente e psicologicamente desde crianças pelo método chamado *hipnopedia*, o qual consistia em repetições sucessivas de frases durante o sono. Desse modo, nasciam massas de indivíduos controladas pelo sistema para servirem e produzirem bens de consumo como forma de manter a ordem social (CAPERUTO et al, 2008).

Tal método faz relação com a propagação midiática e consumismo na contemporaneidade, pois, a mídia utiliza-se de ferramentas de entretenimento para produzir a chamada sociedade do espetáculo, banalizando a cultura e

transformando-a em simulacro (CHAUI, 2006). Assim, seduz e cria desejos, de modo que os objetos de consumo são buscados como forma de gerir a moral do prazer (FREIRE-COSTA, 2004), a qual se configura como um modo de viver em que não se permite dor ou sofrimento. Contudo, não se trata de afirmar que a busca pelo prazer deve ser evitada, o que se discute é que pautar a identidade em aspectos hedonistas e narcisistas, deixam de lado aspectos coletivos e não produzem a resiliência para lidar com adversidades.

E isso também se estende para as relações pessoais, podendo levar a dissolução dos laços afetivos, conforme argumenta Caperuto et al (2008):

O que “Admirável Mundo Novo” nos mostra e que podemos ver em nossa sociedade é o que Baudrillard chama de orgia de realismo e de produção, uma estrutura que coisifica o ser humano, transforma o corpo em objeto e infraestrutura do desejo. Perde-se o indivíduo como ser único, e surge uma estrutura de produção dentro das relações humanas – as pessoas passam a ser coisas, expostas e existentes para satisfazer o desejo e tão descartáveis quanto qualquer produto de consumo (CAPERUTO et al, 2008. p. 6).

Ao contextualizar obra e contemporaneidade, observamos que o sujeito regido pelo consumo e prazer investe cada vez mais em si mesmo e busca ao outro como forma de satisfação pessoal, descartando-o quando ocorre uma frustração.

O conceito de família também é abolido, visto que, agora a reprodução ocorre de forma artificial, e ainda, conceitos de pai e mãe são vistos como ultrapassados nessa sociedade. Tal fato muito se assemelha a análise de Bauman (2004) sobre a dissolução dos laços na sociedade contemporânea.

Huxley (1932) também retrata a questão da medicalização da vida, termo que designa o processo de prescrição/consumo de medicamentos de forma indiscriminada. No livro é apresentado o Soma, a droga ideal. Tal droga é fornecida pelo governo para que não haja revolta, tristeza, reflexão ou qualquer outra forma de introspecção. Diante de qualquer problema, o cidadão toma sua dose de soma. Como ressalta Caperuto et al (2008), na obra a felicidade é instituída como norma vigente para a manutenção da estabilidade social, para atingi-la é necessário o uso de drogas e o consumo desenfreado.

Vemos que isso também se faz presente na atualidade na medida em que dados apontam que cada vez mais tem crescido a prescrição e compra de psicofármacos de forma indiscriminada, ou seja, esses medicamentos são buscados

como forma de evasão ou fuga de si mesmo e como primeira ou única alternativa de tratamento.

Nota-se grande relevância do tema medicalização da sociedade contemporânea, pois a psiquiatria utiliza-se desse novo engendramento da subjetividade, para patologizar e medicalizar os corpos, na sociedade espetacularizada, pois, como afirma Roudinesco (2000), as sociedades democráticas do século XX deixaram de lado o conflito como parte da subjetivação.

Temos observado um aumento exponencial da prescrição e consumo de psicotrópicos. Isso é resultado da psiquiatrização de atos naturais da vida humana (ESPERANZA, 2011) e das diversas pesquisas em neurociência que têm colocado o cérebro em evidência, o que faz com que a população leiga acredite que transtornos mentais possuem uma causalidade absolutamente orgânica (ZORZANELLI; ORTEGA, 2011).

O engendramento de subjetivação na sociedade contemporânea tem tomado o cérebro como referência imprescindível da identidade (ZAMBENEDETTI, 2012), o que pode levar ao apagamento do sujeito, ou seja, cada paciente é tratado como um ser anônimo e visto unicamente de forma orgânica, sendo que lhe é receitado o mesmo medicamento seja qual for o sintoma, e cada vez mais, os psicofármacos são procurados como uma fuga de si mesmo, e dessa forma, o indivíduo não constrói um significado para seu sofrimento (ROUDINESCO, 2000).

Esse trabalho propõe-se a investigar as relações teóricas entre *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e o processo de medicalização da sociedade contemporânea. Tem como objetivos ainda: analisar teoricamente, em que medida a sociedade apresentada em *Admirável Mundo Novo* se mostra pertinente como matriz explicativa ante os atuais diagnósticos de medicalização da vida; analisar teoricamente, de que maneira os cenários apresentados em *Admirável Mundo Novo* podem possuir estreita relação com a sociedade de consumo e imediatismo presentes nos dias atuais e por fim, analisa de que maneira os cenários apresentados em *Admirável Mundo Novo* podem possuir estreita relação com os diagnósticos a apontar a construção de um sujeito sensorial, na contemporaneidade.

Propõe-se uma pesquisa de caráter bibliográfico a qual foi levada a cabo através de um desenvolvimento teórico-conceitual. O levantamento de referências

bibliográficas foi realizado nas principais revistas científicas, conforme classificação da CAPES, por meio de palavras-chaves (medicalização da vida; psiquiatrização da vida; uso de benzodiazepínicos no Brasil; uso de fármacos no Brasil, dentre outras). Além disso, foi feito levantamento bibliográfico de análises do livro *Admirável Mundo Novo*.

Para a busca de artigos científicos que discutem o tema, foi utilizada a base de dados do Sistema Scientific Electronic Library Online de publicação (SciELO), que contempla revistas científicas de diversas áreas do conhecimento.

A delimitação do tema surgiu a partir do livro *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1932). A temática definida foi a medicalização e homogeneização da vida na sociedade contemporânea, sendo este um dos principais assuntos retratados no livro.

Para acesso aos dados referentes ao uso de psicotrópicos no Brasil, foi utilizado o banco de dados da Anvisa, no período de 2005 a 2011 (não foi encontrado dados mais recentes publicados on line).

Portanto, diante desse cenário, no qual uma obra tida como distopia está a se relacionar cada vez mais com a sociedade vigente, faz-se importante analisar a presente obra à luz da psicologia.

O Primeiro Capítulo analisa o processo de subjetivação na sociedade contemporânea, sendo esse influenciado pela mídia, consumo e moral do prazer, resultando na chamada sociedade do espetáculo. Após a apresentação desse cenário sociocultural.

O Segundo Capítulo perpassa a construção dos diagnósticos psiquiátricos presentes no Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V) o qual se baseia em critérios não- nosológicos. Analisa-se também nesse capítulo, os discursos da neurociência que tentam colocar o cérebro em evidência o que faz com que a população leiga acredite que os sofrimento e transtornos mentais são causados por disfunções hormonais. Dessa forma, o próprio sujeito solicita ao psiquiatra por um medicamento que dê fim aos seus conflitos, o que resulta nos dados apresentados nesse capítulo que demonstram o aumento do consumo de psicofármacos no Brasil.

O Terceiro Capítulo apresenta as correlações do que foi discutido anteriormente, com a obra *Admirável Mundo Novo*. Analisa desse modo, as semelhanças dos dispositivos de controle presentes na distopia que se assemelham à contemporaneidade, assim como os perigos do Soma contemporâneo – os psicotrópicos, serem utilizados como estabilidade social.

Por fim, nas Considerações Finais, a conclusão é tecida a partir de uma narrativa que se assemelha com a tentativa dos neurocientistas em modificar a condição humana. Por último, o trabalho alerta sobre os perigos de tal proximidade com a distopia, o que pode ocasionar o apagamento do sujeito, ou seja, tornar a sociedade homogeneizada e apática.

CAPÍTULO I:

A PSIQUIATRIZAÇÃO DA VIDA E ESPETACULARIZAÇÃO DO SUJEITO

2.1 A Sociedade do consumo e o sujeito do espetáculo.

O processo de subjetivação é perpassado pelo contexto histórico, modelo econômico, instituições como família, trabalho e religião, no qual o sujeito se encontra, por isso, é passível de modificações.

Os indivíduos, no passado, construíam sua identidade a partir da comunidade na qual estavam inseridos. Entretanto, com o avanço da globalização as pessoas sentiram-se desamparadas ao terem elas próprias que determinarem os sentidos de suas trajetórias e o modo de construção de suas identidades individuais (BAUMAN, 2004). A partir disso, algumas instituições se enfraqueceram- em especial a tradição e a religião-, e diante de uma crise de identidade, o indivíduo passou a constituir sua subjetividade a partir do narcisismo e hedonismo, ou seja, como um modo de compensação ante a falta de referências sociais e frente ao sentimento de desamparo decorrente da ausência da solidez das antigas instâncias que o orientavam (FREIRE-COSTA, 2005).

A família é um dispositivo que faz divisão entre o público e privado, e representa, em seu vínculo interno, a relação pública sendo então “a menor organização política possível” (SCHEINVAR, 2006). Assim, a família e demais instituições introjetavam no sujeito seus valores e crenças, porém, com os avanços econômicos, a mobilidade aumentou e fronteiras diminuíram, “as cidades contemporâneas são campos de batalha em que os poderes globais e os significados e identidades obstinadamente locais se encontram, se chocam” (BAUMAN, p. 58, 2004), vemos então, que a tecnologia e ciência passaram a fazer parte da construção de identidades, e a distinção entre o que é íntimo e público tem-se perdido pelas chamadas redes sociais (ibid, ibid).

Freire-Costa, (2005) aponta que o mito cientificista ocupou o espaço moral na vida do sujeito, o qual é propagado por meio do dispositivo mídia, visto que, o que é certo e errado é legitimado pelo controle e validade experimental, ou seja, o que as ciências dizem ser qualidade de vida.

Esses discursos têm se configurado no âmbito do corpo. O sujeito contemporâneo, passou a investir em demasia no corpo, o que Freire-Costa (2005)

chama bioidentidade, e a bioascese é a disciplina por meio do qual irá se atingir esse padrão aspirado.

Nas palavras de Freire-Costa, (2005):

O narcisista cuida apenas de si, porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônimo de satisfação sensorial. Assim, o sujeito da moral hodierna teria se tornado indiferente a compromissos com outros – faceta narcisista- e a projetos pessoais duradouros – faceta hedonista (FREIRE-COSTA, p. 185, 2005).

Freire-Costa (2005) aponta ainda que, hoje o prazer sensorial – o prazer imediato, pautado nas sensações –, é buscado na mesma proporção em que antes o indivíduo buscava as aspirações sentimentais. Se antes o cuidado com o corpo e saúde era um meio para se ter uma vida mais longa e cuidar de sua prole, hoje, o sujeito utiliza o corpo com um atributo estético, como um fim em si mesmo. Porém, o prazer sensorial se baseia em aspectos físicos para ser estimulado. Difere-se assim, do prazer sentimental, que pode durar na ausência dos estímulos sensório-motores, enquanto que o prazer sensorial depende do estímulo físico e este deve ser imediato e na presença desse estímulo gerado pelo objeto.

Assim, busca-se na diversidade de objetos a excitação sensorial:

É nesse ponto que o consumo entra no script da felicidade das sensações. O sujeito, para escapar da enfermidade do prazer físico, passa a depender, cada vez mais, da diversidade e da constância dos objetos para ter prazer. Como sem objetos não há prazer e como um mesmo objeto esgota rapidamente sua capacidade de despertar a excitação sensorial, é preciso ter sempre à mão algo com que gozar. Além disso, esse algo deve ser permanentemente substituído, para que o hábito não enfraqueça a intensidade do estímulo e elimine o gozo. Por esse motivo, o ciclo de consumo dos objetos se tornou interminável (FREIRE-COSTA, 2004, p. 7).

Nesse sentido, a propaganda utiliza-se desse imaginário de felicidade pautado nos objetos, para acentuar ainda mais o desejo de consumir. A partir disso, entende-se que o sujeito se deixa seduzir pela propaganda, pois apresenta uma identidade flexível e é adepto da moral do prazer e imediatismo, assim, anseia ser representado pela proposta da sociedade do consumo. (FREIRE-COSTA, 2004).

Dorea (2002), elucida que o capitalismo exerce o controle por meio da docilidade do homem diante do sistema, pois deu espaço para a participação do cidadão-consumidor, sendo este cúmplice da lógica vigente

Assim, acreditamos que somos felizes e livres por ter o poder de consumo, sendo que, nos é passada a imagem de que precisamos de fato de tal produto, e acabamos por não nos dar conta da discursividade arbitrária que vem a se impor, midiaticamente, com sua onipresença (DEBORD, 1997).

Nessa mesma direção, Chaui (2006) aponta que o produto de consumo está arraigado de valores estabelecidos pela sociedade. Isso muda de acordo com o tempo histórico, por exemplo, ao prezar pela valorização da família, utiliza-se imagens de pais, filhos e beleza do lar, e por outro lado, é preciso despertar desejos que o consumidor não possuía.

Além disso, verificamos uma mudança de paradigmas no que tange à propaganda, pois, antes, o produto era apresentado pela sua própria qualidade “efeitos curativos dos remédios, os efeitos higiênicos do sabão” (CHAUI, 2006. p. 39), ou ainda, através da opinião de algum especialista no assunto. Criou-se assim, o slogan, para que a marca logo fosse reconhecida, porém, com o aumento da competição entre produtos e o consumo imediato, os objetos de consumo logo são descartados, desse modo, a publicidade passou a vincular ao produto um aspecto subjetivo como forma de realização: sucesso, prosperidade, beleza e felicidade, vendendo dessa forma, imagens e signos e não a mercadoria em si. (ibid, ibid).

Vemos, portanto, que há um estereótipo vinculado à propaganda, o que gera nos corpos a identificação e desejo de ser como a celebridade que apresenta tal produto. Isso faz com que os fatos percam espaço, pois, a propaganda é vista como informação (CHAUI, 2006).

A publicidade, então, utiliza-se dos discursos hegemônicos, representações e imaginários sociais para anunciar seu produto:

O anúncio publicitário não somente apresenta a mercadoria enquanto tal (propriedades, preço, utilidades), mas igualmente a associa a elementos puramente subjetivos (apreço social, provimento de bem-estar familiar, sucesso profissional, afirmação de identidades de gênero, filiação a estilos de vida e/ou ideologias) (OLIVEIRA, A.M; MACHADO, M. 2015, p. 530).

A propaganda seduz e reverbera nos sujeitos, de forma que irão reproduzir tais discursos e jeitos de ser, uma vez que o ato de consumir atende aos anseios inerentes ao sujeito da contemporaneidade, pois esse encontra na posse dos

objetos um meio de realização pessoal e essa aspiração à realização é o motivo que o faz ter anseio pelos objetos consumo (FREIRE-COSTA, 2005).

Baudrillard (2008) afirma que “a imagem, o signo, a mensagem, tudo o que ‘consumimos’, é a própria tranquilidade selada pela distância em relação ao mundo, o que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta ao real” (BAUDRILLARD, 2008. p. 26).

Desde o Fordismo, cujo modo de produção é feito em grande escala, o homem perdeu sua individualidade. Percebe-se isso nas lojas de departamento onde os produtos são feitos em série, diferindo-se apenas em numerações. O sujeito então, em algum momento, sente a necessidade de ser diferente, e busca isso na marca.

Fromm (1956), a seu turno, afirma que vivemos na ilusão de que temos nossas próprias opiniões e pensamentos, sem nos dar conta de que isso é uma reprodução. Mas ainda temos a necessidade de nos sentirmos diferentes, e é disso que se aproveita o slogan publicitário. Ele aponta que na sociedade contemporânea o conceito de igualdade é visto como uniformidade.

Nas palavras do autor:

A sociedade contemporânea prega esse ideal da igualdade não individualizada porque necessita de átomos humanos, cada um idêntico ao outro, para fazê-los funcionar em massa, suavemente sem atrito. Todos obedecendo aos mesmos comandos, embora todos estejam convencidos de que estão seguindo seus próprios desejos. Do mesmo modo que a moderna produção em massa requer a padronização de mercadorias, o processo social requer a padronização do homem, e sua padronização é chamada de “igualdade” (FROMM, 1956, p. 20).

Assim, cria-se o simulacro da liberdade para se fabricar homens dóceis, que acreditam ser autênticos e protagonistas, mas que na verdade, têm as mesmas aspirações, frequentam os mesmos locais, vestem as mesmas roupas, vivendo um mesmo esquete.

No afã de restaurar a singularidade, a marca ganha atributos personalistas, os objetos estão carregados de símbolos e imagens, e o fetiche atrelado a esse, tem como premissa satisfazer o desejo efêmero do sujeito. Essa personalização do

objeto visa recuperar a individualidade que o homem moderno perdeu com a produção em série (TELLES; OLIVEIRA; SEVERIANO, 2009).

Porém, essa busca pela individualidade que se configura no âmbito da mercadoria- e agora na marca, apenas ilude, pois se utiliza de aspectos subjetivos atrelados a figuras de celebridades. Assim, ao comprar tal produto, o sujeito acredita que será como aquele que o apresenta, enquanto se encontra, mais uma vez massificado em uma linha de produção de sujeitos iguais, os quais buscam consumir objetos para satisfazer-se psicologicamente.

Debord (1997) aponta que a vida das sociedades se apresenta como acumulações de espetáculos, nos quais, tudo é vivido como representação:

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente de dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é o real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente (DEBORD, 1997, p. 15).

O espetáculo é algo inerente à própria cultura atual, entretanto, como nos chama a atenção Chauí (2006), os meios de comunicação têm transmitido o espetáculo como sendo real, transformando-o em simulacro, reduzindo a vida a uma mera encenação de acontecimentos.

Essa espetacularização está presente na ditadura da felicidade, tendo em vista que nos discursos hegemônicos, o ser humano, influenciado pelos meios de comunicação, está sempre em busca do prazer, evitando qualquer dor ou frustração.

É claro que a busca pela autossatisfação e evitação da dor é algo inerente ao ser humano, entretanto, o problema consiste no fato de estarmos cada vez mais dando ênfase apenas ao momento presente, não considerando o passado- como construção de quem somos, e nem o futuro- que está aberto às incertezas.

Vale ressaltar que isso pode ocasionar um conflito, e para não lidar com isso, o sujeito sensorial tem buscado suprir tal angústia de forma imediata, seja com drogas lícitas e/ou ilícitas ou ainda investindo demasiadamente no próprio corpo.

Essa felicidade também está espelhada no poder de consumo, visto que, por trás de um produto de determinada marca, está o *slogan*, o desejo, aquilo que a

pessoa quer se tornar, e acredita que ao comprar tal produto, será tão feliz como aquele promete (DEBORD, 1997).

Não obstante, os sites de relacionamentos como o facebook, são dispositivos que incitam ainda mais essa inversão do real. Essa rede utiliza-se de aspectos da cultura narcisista. O que fica evidente nas reações que agora são possíveis de serem clicadas nas publicações (não curti, amei, triste...), sendo que estas cada vez mais, são formas de o sujeito obter a aprovação e satisfação.

Na sociedade contemporânea perdeu-se a distinção entre o público e privado (CHAUI, 2006) não há espaço para introspecção ou intimidade, pois tudo deve ser revelado e mostrado: os pratos gourmet, as viagens internacionais e o relacionamento feliz. Nessa perspectiva, a vida se resume a eventos espetaculares, nos quais o sujeito já não se preocupa mais em viver, mas sim com a foto que será produzida e mostrada, pois, se o espetáculo não ocorre, a vida também não se faz presente.

O discurso vigente sobre o consumismo também está intrínseco nas relações humanas na medida em que as pessoas também são substituíveis, assim como um produto. Percebe-se que na contemporaneidade as relações humanas têm se tornado cada vez mais frágeis (BAUMAN, 2007).

Bauman (2004) faz a analogia do amor com o consumismo e imediatismo, pois, cada vez mais o amor tem sido banalizado, visto que, construímos a relação com o outro, assim como fazemos com uma mercadoria:

A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004. p. 11).

Fromm (1956) chama atenção para a solidão do homem na civilização moderna, pois, embora procure permanecer em conjunto, tem se tornado cada vez mais só em virtude de inseguranças que surgem quando o estado de separação humana não é superado.

Entretanto, tem sido apresentados entretenimentos para que esse homem não tenha tempo para perceber sua solidão. Primeiramente, o indivíduo busca gerir seu tempo no trabalho mecanizado e quando não é possível o entretenimento

apenas dessa forma, é sugerida uma gama de consumos, sons e imagens, que logo serão descartadas e trocadas (FROMM, 1956).

Até mesmo a cultura tem sido transmutada pela comunicação de massa, pois, como aponta Chauí (2006), as obras de arte estão correndo o risco de tornarem-se eventos para consumo, tendo em vista que, a cultura de massa se apropria das obras culturais para codificá-las em simulacros.

Como ressalta a seguir:

O espetáculo se torna simulacro e o simulacro se põe como entretenimento, os meios de comunicação de massa transformam tudo em entretenimento (guerra, genocídios, greves, festas, cerimônias religiosas, tragédias, políticas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento). Visto que a destruição os fatos, acontecimentos e obras segue a lógica do consumo, da futilidade, da banalização e do simulacro, não espanta que tudo se reduza, ao fim e ao cabo, a uma questão pessoal de preferência, gosto, predileção, aversão, sentimentos. É isto o mercado cultural (CHAUI, 2006, p. 22).

Portanto, estamos engendrando uma subjetivação superficial e sensorial construídas por meio de relações espetacularizadas e imediatas, assim, a probabilidade é que venhamos a nos apropriar de qualquer pílula que prometa aliviar o sofrimento e resolver as angústias internas.

2.2 A Psiquiatrização do sujeito

- Por que você toma tanto calmante? perguntou ele sorrindo.
- Ah, disse ela com simplicidade, é assim: vamos dizer que uma pessoa estivesse gritando e então outra pessoa punha um travesseiro na boca da outra para não se ouvir o grito. Pois quando tomo calmante, eu não ouço meu grito, sei que estou gritando mas não ouço, é assim, disse ela ajeitando a saia (LISPECTOR, C. A Maça no Escuro).

O modo de subjetivação que tem se engendrado na sociedade contemporânea, sendo esse pautado no efêmero, leva o sujeito a buscar nas substâncias psicoativas e psicotrópicas uma forma de prazer por vezes não encontrado em outras instâncias de sua vida. Desse modo, observa-se que a relação com as drogas lícitas são buscadas como evasão e tentativa de mascarar qualquer dor ou frustração que o sujeito possa vir a sentir em seu cotidiano.

A psiquiatria se utiliza desses aspectos presentes na subjetivação do sujeito contemporâneo para patologizar comportamentos que vão de encontro do discurso instituído na contemporaneidade.

Na atualidade, observa-se um contexto em que qualquer angústia é vivenciada de forma dramática. Aqueles que demonstram algum sofrimento na sociedade do entretenimento devem então ser medicados e novamente normalizados, não se considerando que isso é algo inerente ao ser humano.

Para entender esse processo, faz-se necessário recorrer à história da histeria como forma de analisar a postura do psiquiatra diante de sua impotência ao não desvelar nada de fator orgânico.

Freud (1974), ao observar as histéricas notou que o sofrimento psíquico provocava manifestações corporais, pois, aquilo que não era falado se convertia em sintomas físicos. Não obstante, a postura dos demais médicos era de indiferença com tais pacientes, uma vez que, não conseguiam encontrar causas orgânicas para suas problemáticas e, assim, diante de sua impotência os médicos proferiam que os pacientes estavam simulando.

Nas palavras de Freud (1974):

Com o rótulo de histeria pouco se altera, portanto, a situação do doente, enquanto que para o médico tudo se modifica. Pode-se observar que este se comporta para com o histérico de modo completamente diverso que para com o que sofre de uma doença orgânica. Nega-se a conceder ao primeiro o mesmo interesse que dá ao segundo, pois, não obstante as aparências, o mal daquele é muito menos grave. (FREUD, 1974, p. 3).

Em seguida o autor acrescenta, de forma contundente:

Em face, porém, das particularidades dos fenômenos histéricos, todo o seu saber e todo o seu preparo em anatomia, fisiologia e patologia deixam-no desamparado. Não pode compreender a histeria, diante da qual se sente como um leigo, posição nada agradável a quem tenha em alta estima o próprio saber. Os histéricos ficam, assim, privados de sua simpatia. Ele os considera como transgressores das leis de sua ciência, tal como os crentes consideram os hereges: julga-os capazes de todo mal, acusa-os de exagero e de simulação, e pune-os com lhes retirar seu interesse (FREUD, 1974, p. 3).

Izaguirre (2011), por sua vez, ressalta que a psiquiatria sofreu diversas crises e passou por distintos paradigmas na tentativa de se consolidar como ciência dentro do campo da medicina e que até os dias atuais ainda não o

conseguiu. Nessa direção o autor argumenta que ela buscou se apoiar no tripé: psicofarmacologia, neurociências e genética.

Foucault (1972), aponta que um tratamento moral foi dado à loucura. Essa lógica, oriunda da exclusão dos leprosários na Idade Média, sofreu influências do cristianismo na Europa. Uma vez que, a igreja preconizava o trabalho como dignificação do homem, a ociosidade era então vista como algo desviante, sendo que, posteriormente esse discurso foi substituído pela segregação dos leprosos, e finalmente, esse espaço foi dado ao louco (FOUCAULT, 1972).

Nas palavras do historiador:

Trabalho e ociosidade traçaram no mundo clássico uma linha de partilha que substituiu a grande exclusão da lepra. O asilo ocupou rigorosamente o lugar do leprosário na geografia dos lugares assombrados, bem como nas paisagens do universo moral (FOUCAULT, 1972, p.81).

Assim, nos asilos psiquiátricos, foi confinado qualquer comportamento moralmente desviante da sociedade:

O século XIX aceitará e mesmo exigirá que se atribuam exclusivamente aos loucos esses lugares nos quais cento e cinquenta anos antes se pretendeu alojar os miseráveis, vagabundos e desempregados (FOUCAULT, 1972, p.81).

Roudinesco (2000), ao refletir sobre esse processo, ressalta que a partir de 1950 os psicotrópicos mudaram a paisagem da loucura, pois, as práticas do manicômio foram substituídas por essas substâncias, e assim, a psiquiatria encontrou seu lugar seguro.

Nas palavras da psicanalista:

Embora não curem nenhuma doença mental ou nervosa, elas revolucionaram as representações do psiquismo, fabricando um novo homem, polido e sem humor, esgotado pela evitação de suas paixões, envergonhado por não ser conforme ao ideal que lhe é proposto (ROUDINESCO, 2000, p. 21).

Nota-se que a contenção física por meio de camisa de forças, utilizado nos manicômios, deu lugar ao amordaçamento químico, uma vez que os psicotrópicos combatem apenas aos sintomas e não as causas. Assim, o sujeito mascara seu sofrimento e, sendo subjetivado pelos discursos da sociedade contemporânea, recorre ao medicamento como uma tentativa desesperada de

não lidar com a sua dor. Em relação a isso, a Thorazine (ou clorpromazina), substância antipsicótica, produzido em 1954, foi considerada a lobotomia química, pois, com sua invenção já não era mais preciso utilizar o picador de gelo na cirurgia no lobo frontal, podia-se fazer isso com essa droga (SZASZ, 2011).

Roudinesco (2000), somando-se a isso, analisa que as sociedades democráticas do século XX deixaram de lado o conflito como parte da subjetivação, assim, a neurose – a qual se baseou na ideia de um sujeito do inconsciente, consciente de sua liberdade, porém, atormentado por suas pulsões–, foi substituída pela concepção de um indivíduo depressivo, o qual foge de seu inconsciente, ou seja, do seu conflito, apagando-se como sujeito na atualidade.

A esse respeito, podemos refletir que:

O drogado é hoje a figura simbólica empregada para definir as feições do anti-sujeito. Antigamente, era o louco que ocupava esse lugar. Se a depressão é a história de um sujeito inencontrável, a drogadição é a nostalgia de um sujeito perdido (EHRENBERG, A., 1998 apud ROUDINESCO, 2000).

Nessa mesma direção, Canabarro e Alves (2009) asseveram que:

Isto não significa dizer que o homem moderno não lançava mão de artimanhas para dar conta de sua conflitiva constituinte. O que buscamos aqui é problematizar as vicissitudes apresentadas por essa "nova" forma de (não) viver essa tensão, visualizada hoje. Na busca incessante por um estado primitivo de completude e na fuga de seu desamparo, é comum que o homem contemporâneo recorra ao uso de medicamentos psicotrópicos (CANABARROS; ALVES, 2009, p.846).

A partir disso, entendemos para que veio o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Retomando as crises de paradigmas pelas quais passou a psiquiatria, de forma que, tenta a todo custo se basear a partir de critérios orgânicos, o DSM formulou-se então, em uma classificação não nosológica de doenças, e sim, em estatísticas, a qual mede o ser humano e o diagnostica em parâmetros iguais.

A esse respeito, Izaguirre (2011) argumenta que o DSM-IV resguarda a postura médica de detentor de saber, sendo que, em qualquer momento o sujeito pode ser classificado em algum critério do manual e se, posteriormente, esse mesmo sujeito se submeter à avaliação de outro psiquiatra poderá também ser enquadrado em outro diagnóstico.

Vale ressaltar que há um julgamento valorativo sobre os comportamentos que fogem do que é vigente na sociedade. Aquele que não segue o que é tido como normalidade – e isso muda de acordo com o período histórico – é então estigmatizado, medicalizado e consertado. E o DSM, pode-se acrescentar, em muito contribui para isso.

Como ressalta o autor:

Como os transtornos estão descritos de tal modo que não seguem uma sequência clássica da descrição de doenças nem se agrupa pela causalidade, o tratamento é sobre as condutas descritas e não sobre as causas das doenças. Na realidade, não há doenças, mas transtornos de comportamento (IZAGUIRRE, 2011, p. 17).

Em relação a isso, temos como exemplo os transtornos disruptivos, do controle de impulsos e da conduta, que segundo o DSM-V (2014), “incluem condições que envolvem problemas de autocontrole de emoções e de comportamentos” (DSM-V, 2014. p. 462).

Nessa categoria também foi incluso o Transtorno de oposição desafiante (F91.3), o qual é caracterizado como sendo “um padrão de humor raivoso/irritável, de comportamento questionador/desafiante ou índole vingativa com duração de pelo menos seis meses” (DSM –V, 2014, p. 462), esse tem entre os sintomas: humor raivoso/Irritável, sendo que, com frequência o sujeito perde a calma , porta-se de forma sensível ou sente-se facilmente incomodado.

Vale ressaltar que esse transtorno é usualmente diagnosticado em crianças e adolescentes, não considerando o contexto familiar nos quais estes estão envolvidos que geram o conflito. Nesse sentido o próprio manual se contradiz, pois, no primeiro parágrafo diz que estes comportamentos devem ser em interação com outro que não seja um irmão, porém, posteriormente, o próprio DSM-V alerta que esse transtorno é prevalente em famílias com contexto conturbado como vemos a seguir:

Em crianças e adolescentes, o transtorno de oposição desafiante é mais prevalente em famílias nas quais o cuidado da criança é perturbado por uma sucessão de cuidadores diferentes ou em famílias nas quais são comuns práticas agressivas, inconsistentes ou negligentes de criação dos filhos (DSM, 2014, p. 463).

Portanto, vemos que existe a patologização de respostas que são esperadas para uma criança/adolescente que vive em um ambiente perturbado. Colocar tal

comportamento como um transtorno desconsidera os fatores envolvidos, depositando em um único sujeito algo que é multifatorial, e a partir do momento em que se sugere que há uma doença, haveria, portanto uma cura, sendo esta medicamentosa.

Além disso, o DSM V retira o luto como critério excludente do Transtorno depressivo maior, assim, agora é possível aplicar esse diagnóstico mesmo àqueles que passaram pela perda de um ente querido há menos de dois anos. Ou seja, o luto, que faz parte do contexto da vida e é vivenciado de forma singular, também passou a ser classificado em um critério hegemônico (duração do luto acima de seis meses é considerado patológico pelo DSM-V).

Araújo e Neto (2014) justificam e concordam com tal mudança:

O luto é um forte fator estressor e, como tal, pode desencadear transtornos mentais graves, portanto não se pode assumir que, por tratar-se de reação comum, não possa ser experimentado de forma patológica. Desta forma, o objetivo desta mudança é permitir que indivíduos que estejam passando por um sofrimento psíquico grave recebam atenção adequada, incluindo a farmacoterapia quando esta se fizer necessária (ARAUJO; NETO, 2014, p.74).

A partir do exposto, podemos analisar, pela própria fala dos autores – os quais vale ressaltar, são cognitivos comportamentais–, que o que se pretende é a *psiquiatrização* do luto para então, poder farmacologizar a pessoa que experimente tal sofrimento.

Notoriamente tais critérios não consideram a historicidade do sujeito. No caso da depressão, a psiquiatria parte do pressuposto que o indivíduo possui uma pré-disposição bioquímica para tal ou mesmo falta do hormônio serotonina, não considerando os fatores de sua vida que acarretaram tal sofrimento.

Nessa direção, Zambenedetti (2012) argumenta que:

Ao tentar explicar o sofrimento psíquico, por exemplo, a matriz cerebral se coloca como equivalente universal, homogeneizando as experiências subjetivas. Ou seja, é como se todas as pessoas diagnosticadas com depressão vivenciassem o sofrimento da mesma maneira. Tais processos implicam o risco de individualização e essencialização dos problemas sociais e comportamentais, fazendo com que se deixe de perguntar em que condições sociais e históricas determinados eventos se configuram como problema (ZAMBENEDETTI, 2012, p. 89).

Portanto, a medicina compreende o corpo com um conceito meramente descritivo e empírico, desconsiderando a fala do sujeito, como se o médico fosse detentor do saber e soubesse mais do sujeito que ele mesmo. Nisso, o processo psicossomático como fator explicativo para o adoecimento psíquico é deixado de lado.

Como ressalta Loss (2001):

A relação terapêutica médico-paciente nos mostra esta experiência de discurso, uma vez que, por mais que o médico tente se ocupar do corpo dissecado pela ciência, através dos pressupostos da observação científica, a sua prática não consegue, em sua essência mesma, ser cartesiana. Pois, na sua perspectiva geral sobre o paciente, assim como nas decisões que os afetam, há, no ato médico, o pensamento de um corpo idealmente saudável. Existe nesta relação um afeto em jogo, já que há um corpo afetado, um corpo em sofrimento, que outro homem, graças a um conhecimento, vai devolvê-lo são (LOSS, L. 2001, p.39).

Dessa forma, se os fármacos atuam nos sintomas e não nas causas, o sujeito torna-se dependente de tais substâncias apegando-se a elas como sua salvação, e mesmo tendo o sofrimento mascarado, esta angústia pode irromper a qualquer momento, e como solução, poderá ser aumentada a sua dosagem. Além disso, esses medicamentos são tomados como primeira e/ou única alternativa.

Refletindo sobre isso, Zambenedetti (2012) ressalta que:

Ao se mencionar a predominância dos psicofármacos não se quer referir apenas ao fato de eles serem usados em tratamentos, sob orientações médicas, mas ao de terem sido convertidos em pílulas da felicidade, consumidas de forma generalizada, borrando os critérios de patologia e normalidade (ZAMBENEDETTI, 2012, p. 80).

Em nossas práticas em saúde mental não é raro observarmos pacientes que apelam ao psiquiatra para que aumente a dose de seu medicamento, pois ainda experimenta sofrimento. Muitos médicos, conforme temos observado, não fazem muita oposição a isso.*¹

Ordinariamente, vemos nos Centros de Atenção Psicossocial especializados em álcool e outras drogas (CAPS AD) a substituição de drogas ilícitas e mal vistas socialmente por fármacos. Vemos tais pacientes percorrendo seu cotidiano como zumbis devido a altas dosagens, e se tornam assim, seres apáticos diante da vida. Desse modo, qual o sentido de se retirar uma droga ilícita, que lhe provoca prazer, e

¹ Esse relato é frequentemente observado na atuação da acadêmica em Estágio em Ênfase no CAPS AD III, 2016.

fornecer ao sujeito muitas outras lícitas? O foco não deveria ser na droga ou em uma cura, mas sim na relação que este faz com esta. Nesse sentido, tal prática não seria uma estratégia normatizante e a relação do sujeito com o medicamento não seria também abusiva? O medicamento psiquiátrico, não viria a provocar o efeito de evasão? A motivação para utilizá-lo não partiria desse mesmo anseio?

Esperanza, G. (2011), ressalta que:

A psiquiatrização dos atos e das ações também corresponde à tentativa farmacêutica de psicofarmacologizar a própria vida, o que equivale a postular que cada ato da vida de um sujeito é possível de ser medicado ou medicalizado, sendo este um programa ao qual a psiquiatria oferece todo seu empenho (ESPERANZA, G., 2011, p. 56).

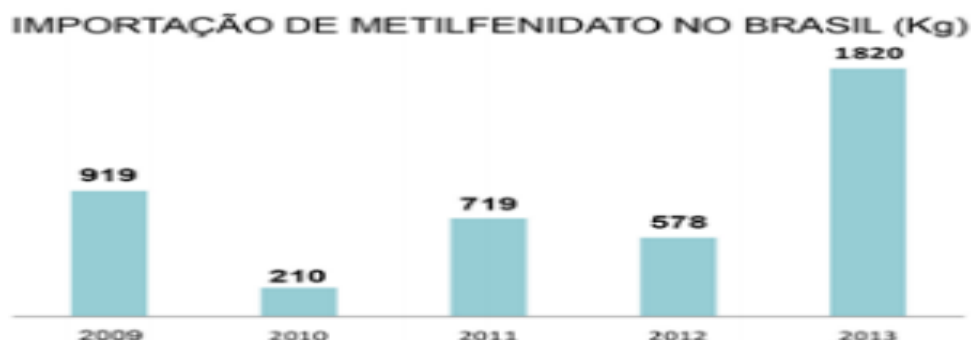
A partir do supracitado, podemos observar crianças ininterruptamente sendo medicalizadas com drogas como Ritalina², como se fossem as únicas responsáveis por não aprender, desconsiderando os múltiplos fatores envolvidos e as especificidades de cada criança, pois, não se questiona mais a escola, o método, as condições de aprendizagem e de escolarização. Mas sim, busca na criança, em áreas de seu cérebro, em seu comportamento manifesto as causas das suas dificuldades, para então, medicalizá-las (CFP, 2012).

A esse respeito, dados apontam que a comercialização de Metilfenidato cresceu exponencialmente no Brasil nos últimos anos. A importação deste, passou de 578 kg importados em 2012, para 1820 kg importados em 2013 (HARAYMA et al. 2015).

Conforme ilustra o gráfico à seguir:

² Ritalina é o nome comercial do metilfenidato, psicoestimulante, indicado para Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Gráfico 1 - Importação de Metilfenidato no Brasil (kg)



Fonte: ONU (2015) apud HARAYMA ET al. (2015)

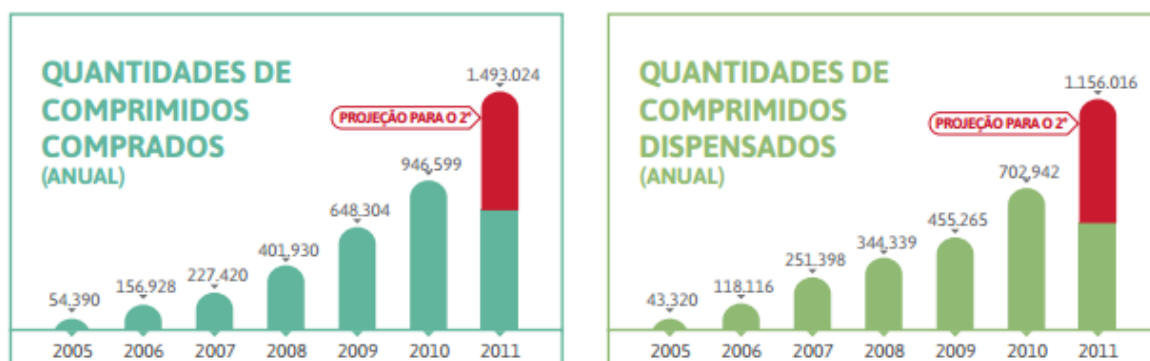
O aumento crescente dessa substância, também pode ser atribuída ao uso por estudantes, profissionais e pesquisadores para se manterem mais tempo acordados e concentrados na tarefa a ser realizada, visto que, trata-se de um estimulante, derivado da anfetamina (ITABORAHY, 2009).

Isto posto, podemos compreender que o uso dessas substâncias têm sido cada vez mais buscadas pela população leiga, até mesmo para outros fins que não seja o Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Além disso, os defensores das explicações organicistas da educação afirmam que é um direito da família saber o diagnóstico da criança e mais que isso, que cabe ao Estado brasileiro arcar com as despesas do diagnóstico, do tratamento e da medicação (CFP, 2012).

O gráfico a seguir, apresenta a quantidade de comprimidos de Cloridrato de Metilfenidato comprados e dispensados, desde o ano de 2005 até o primeiro semestre de 2011 pelos órgãos públicos de 154 municípios do estado de São Paulo.

Gráfico 2 - Comprimidos comprados e dispensados em cinco anos pelo sistema público de saúde no estado de São Paulo.



Fonte: CFP, 2012.

Como é possível observar, os dados somam em torno de um milhão e meio de comprimidos comprados em 2011 e um milhão e cem mil de comprimidos dispensados em 2011, totalizando, em cinco anos mais de 3 milhões de comprimidos de Metilfenidato dispensados pelo sistema público de saúde (CFP, 2012). Será que tal estratégia não seria uma forma do estado docilizar os sujeitos, visto que, o metilfenidato tem efeitos que podem robotizar crianças, torna-las serenas e acomodadas?

Zorzanelli e Ortega (2011), ao refletirem sobre a predominância de discursos pautados no cérebro, analisam que as diversas pesquisas em neurociências no século XX (ressonância magnética, imagens, mapeamento cerebral), envolvendo várias áreas de saber, como a neurociência molecular, a genética psiquiátrica, a neurogênese, o imageamento cerebral e o desenvolvimento de medicamentos psicofarmacológicos, fez com que o cérebro se tornasse como premissa na formação de identidade. A partir disso, com o desenvolvimento de pesquisas de ponta nessas áreas, cada vez mais os transtornos mentais são compreendidos pela população leiga como possuindo uma causalidade absolutamente orgânica.

A partir disso, Zambenedetti (2012) chama a atenção para a forma de subjetivação que se engendra na sociedade contemporânea, a qual tem tomado o cérebro como referência imprescindível da identidade – a isso, chama-se sujeito cerebral. Essa concepção caracteriza-se pela redução do cérebro como estrutura mínima para definir o sujeito, como se o cérebro fosse mais que a própria pessoa no processo de compreensão de si mesmo. Desse modo, ao se pautar apenas em um

sujeito consciente, a neurociência compreende que este pode ser mensurado e tudo é passível de ser resolvido de forma rápida e objetiva.

O autor também analisa a influência das reportagens em telejornais que, reiteradas vezes elucidam aspectos cerebrais, apresentando imagens e ações de neurotransmissores, relacionando isso a determinados comportamentos ou características humanas. Embora o cérebro não seja uma imagem nova, vem se configurando pela mídia como novidade.

Ele alerta para os perigos desse fetiche criado sobre o cérebro:

Um dos riscos de tal processo é se acreditar, assim como foi defendido por outros movimentos ao longo da história (eugenia, por exemplo), que as diferenças, semelhanças e modos de funcionamento do cérebro “em si” significam alguma coisa, uma verdade “natural”, desconsiderando-se o caráter social e histórico que configura as práticas e a produção de saberes (ZAMBENEDETTI, 2012. p.93).

Assim, todo esse interesse pelo cérebro reduz o sujeito a uma causalidade orgânica, desconsiderando sua história e em qual momento de sua vida o sofrimento se instaurou. Mais que isso, a partir desse pensamento, cria-se padrões de normalidade que visam *psicofarmacologizar* os sujeitos que apresentem qualquer indício de sofrimento. A psiquiatrização se reduz então, em patologizar comportamentos e medicalizar.

Acerca desse processo, Jerusalinsky (2001), argumenta que:

De fato, se na psiquiatria clássica fazia-se uma descrição quase “botânica” da apresentação do transtorno mental para definir o quadro da doença e procurar, após, o remédio; na psiquiatria atual, é a invenção de um medicamento que cria o campo da doença, a qual passa a se circunscrever pelo medicamento que “a cura” e não pela situação do sujeito que a padece (JERUSALINSKY, 2001, p.35).

Vemos então, que há um interesse em se produzir novos transtornos, para os quais já há um medicamento fabricado. Aguiar (2003) afirma que existe uma “guerra terapêutica” entre as indústrias farmacêuticas para venderem seus medicamentos, e que como estratégia, estas se aliam a medicina – uma vez que esses psicotrópicos precisam de prescrição—, e desse modo, ambas as áreas se esforçam para promover na sociedade um discurso biológico e expansão do conceito de doenças, assim, a população aprende a reconhecer em suas experiências de vida os critérios

diagnósticos de determinados transtornos mentais, produzindo a medicalização do cotidiano.

Angell (2012) assevera que os laboratórios farmacêuticos subsidiam as reuniões da Associação americana de psiquiatria e garantem benefícios a essa, sendo que, um quinto do financiamento da Associação de Psiquiatria Americana (APA) vem da indústria farmacêutica.

A autora afirma que:

Dos 170 colaboradores da versão atual do DSM, dos quais quase todos poderiam ser descritos como líderes-chave, 95 tinham vínculos financeiros com laboratórios farmacêuticos, inclusive todos os colaboradores das sessões de transtornos de humor e esquizofrenia (ANGELL, 2012, p.11).

O documentário *O Marketing Da Loucura* (2011), também denuncia essa parceria altamente lucrativa entre Indústria farmacêutica e psiquiatras, sendo que as companhias farmacêuticas subsidiam a educação médica e investem cerca de mil milhões de dólares a cada ano em eventos realizados por psiquiatras para que estes repassem para médicos de outras especialidades como diagnosticar um transtorno mental e qual medicamento deve ser receitado. E ainda, essas indústrias pagam para que psiquiatras sejam autores de seus textos, com a intenção de que chegue ao conhecimento da população em geral assuntos acerca de doenças mentais, com dados estatísticos inventados sobre a porcentagem da população que pode vir a ter tal transtorno, assim, o próprio sujeito irá almejar a medicação.

Em relação ao lucro exacerbante, o documentário afirma que:

As empresas farmacêuticas disfrutam de um lucro de cerca de 16 por cento, o triplo da norma da maioria dos negócios. Em 2006, os diretores das principais indústrias farmacêuticas receberam uma média de 18 milhões de dólares por ano, quase 400 vezes o rendimento da família de classe média americana (SZASZ, 2011).

O que vemos então, é que tal estratégia tem dado certo, visto que, a população tem cada vez mais recorrido à psiquiatria acreditando ter algum diagnóstico, no anseio de receber um fármaco que dê fim ao comportamento inadequado de crianças, que reduza a ansiedade ou insônia, ou seja, um medicamento que dê fim aos conflitos humanos. Além disso, o DSM descreve os sintomas, o que permite que o próprio sujeito se enquadre em uma classificação.

Nessa direção, Canabarro e Alves (2009) argumentam que:

O fato de os psicotr3picos serem drogas legalizadas fez com que muitos sujeitos se autorizassem a fazer uso desse tipo de subst3ncia. No entanto, a legaliza33o n3o parece justificar por completo o que hoje se v3 como uma esp3cie de entorpecimento social. Muitos adeptos dos antidepressivos e benzodiazep3nicos conseguem os medicamentos atrav3s da Internet, ilegalmente. O que nos leva a pensar que, no mundo p3s-moderno, algo mais se produziu (CANABARRO; ALVES. 2009, p.845).

Ferrazza et al (2010) ao realizar uma pesquisa de car3ter explorat3rio no Ambulat3rio de Sa3de Mental do Estado de S3o Paulo , problematizou o processo de medicaliza33o generalizada da popula33o, atrav3s do exame de registros de prontu3rios (345 prontu3rios). Tal estudo evidenciou que a maioria (65%) dos usu3rios j3 chega ao servi3o sob prescri33o pr3via de psicof3rmacos e que, encaminhados 3 consulta psiqui3trica, praticamente todos (99%) recebem prescri33o de psicof3rmacos.

Ao acompanhar a evolu33o desses casos, Ferrazza et al (2010) constataram que, dos casos que foram medicados pela psiquiatria, apenas tr3s receberam alta do tratamento psiqui3trico, ao buscar mais informa333es dessas exce333es, verificaram que em todos esses casos havia registro de alta por solicita333o do pr3prio usu3rio.

Conforme ilustra a tabela a seguir:

Tabela 1- Distribui333o frequencial e percentual dos usu3rios medicados pela psiquiatria conforme a evolu333o dos casos, no per3odo de 2005 a 2007

Distribui333o frequencial e percentual dos usu3rios medicados pela psiquiatria conforme a evolu333o dos casos, no per3odo de 2005 a 2007

Evolu333o dos casos	Frequ3ncia	
	N	%
Alta no tratamento psiqui3trico	3	1
Continua333o do tratamento psiqui3trico	102	47
Interna333o psiqui3trica	7	3
Encaminhamento ao CAPS para continuidade do tratamento	30	9
Encaminhamento ao atendimento neurol3gico	5	2
Encaminhamento a outros m3dicos da Rede p3blica de sa3de	17	8
Transfer3ncia do tratamento psiqui3trico para outra institui333o*	4	2
Abandono do tratamento psiqui3trico	73	34
Total	217	100

*Usu3rios que informaram que iriam transferir o tratamento psiqui3trico para outra institui333o devido 3 mudan3a de cidade ou prefer3ncia por m3dico particular.

Fonte: FERRAZZA et. AL, 2010, p. 385.

Esses dados demonstram que há uma prescrição exacerbada de medicamentos, pois, será que em uma única consulta é possível que o psiquiatra classifique um diagnóstico?

Somando-se a isso, a Anvisa (2011) lançou um boletim sobre medicamentos controlados no Brasil, o resultado demonstrou que os ansiolíticos Clonazepam, Bromazepan e Alprazolam foram as substâncias controladas mais consumidas pela população brasileira no período de 2007 a 2010.

Conforme ilustra a tabela:

Tabela 2- Medicamentos mais consumidos no Brasil, em 2007.

Tabela 4 – Os cinco princípios ativos da Portaria SVS/MS nº 344/1998 em formulações industrializadas de maior consumo no país. Brasil, 2007-2010.

ANO	Princípio ativo	Características	UFD	UFD/ farmácia e drogaria	UFD/1.000 habitantes
2007	CLONAZEPAM	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	29.463	7	< 1
	BROMAZEPAN	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	16.117	4	< 1
	ALPRAZOLAM	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	12.566	3	< 1
	AMITRIPTILINA	Controle especial (Lista C1, Receituário BRANCO)	10.740	3	< 1
	FENOBARBITAL	Psicotrópico (Lista B1, Receituário BRANCO)	9.793	2	< 1

Tabela 3- Medicamentos mais consumidos no Brasil, em 2010.

2010	CLONAZEPAM	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	10.590.047	258	56
	BROMAZEPAN	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	4.463.460	109	23
	ALPRAZOLAM	Psicotrópico (Lista B1, Receituário AZUL)	4.360.203	106	23
	FENOBARBITAL	Psicotrópico (Lista B1, Receituário BRANCO)	3.203.824	78	17
	AMITRIPTILINA	Controle especial (Lista C1, Receituário BRANCO)	3.060.358	75	16

Fonte: ANVISA (2011).

A partir do exposto, podemos observar o aumento significativo do uso de ansiolíticos.³ O uso de Clonazepam, por exemplo, em 2007 chegava a mais de 29 mil, já em 2010 foram vendidas cerca de 10 milhões de caixas do medicamento. O segundo mais comercializado foi o psicotrópico Bromazepan, com 4,4 milhões de unidades vendidas, seguido pelo medicamento Alprazolam, que registrou 4,3 milhões de unidades.

Em relação à produção de clonazepam, dados apontam que o Brasil se tornou o maior produtor mundial em 2013, com 3,2 toneladas fabricadas no ano.

Tabela 4- Maiores Fabricantes de Clonazepam (2013).

MAIORES FABRICANTES DE CLONAZEPAM (2013)		
Ranking	País	Clonazepam (Kg)
1°	Brasil	3200
2°	Itália	2300
3°	Suíça	2300
4°	China	600
5°	Polônia	191
6°	Canadá	164
7°	Argentina	105
8°	Estados Unidos	40
9°	Costa Rica	19

Fonte: ONU (2015) apud HARAYMA ET al. (2015)

Estes dados são consolidados pelo número de venda de UFD (Unidades Físicas Distribuídas), em farmácias e drogarias particulares de todo o Brasil, de Outubro de 2007 à Setembro de 2014. Segundo os dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), somente em março de 2013 foram notificadas a venda de 835.044 caixas de Clonazepam (HARAYMA ET al. 2015).

Tabela 5. Venda de Clonazepam no Brasil

³ Psicotrópicos indicados para reduzir a ansiedade

VENDA DE CLONAZEPAM (UFD) NO BRASIL

ANO	CLONAZEPAM	%
2007	425	0,002
2008	267.510	1,466
2009	755.567	4,142
2010	1.708.700	9,367
2011	3.115.253	17,077
2012	4.345.945	23,824
2013	4.769.692	26,146
2014*	3.279.166	17,976
Total	18.242.258	100,00

SNGP (2015) apud HARAYMA ET al. 2015. * Dados até setembro de 2014.

Somando-se a isso, Souza, A. R. L et al (2013) realizou um estudo acerca do uso inadequado de Benzodiazepínicos (BZD)⁴, sendo este definido como a extrapolação do consumo por períodos extremamente longos, uma vez que, é recomendado que a utilização dessa substância não exceda a quatro semanas. A entrevista qualitativa foi feita com 33 mulheres (entre 18 e 60 anos) com histórico de uso indevido de BZD no último ano, para insônia e/ou ansiedade, sem distúrbios cognitivos ou psiquiátricos evidentes, e que eram residentes no Estado de São Paulo. A pesquisa evidenciou que menos da metade das mulheres conheciam os riscos de uso do medicamento, algumas reconheceram o risco devido à experiência pessoal (uma entrevistada relatou ter tido problema de coordenação motora); em relação à dependência, apesar do elevado tempo de uso, apenas 16 entrevistadas reconheceram estar dependentes do medicamento, “tendo como referência a dificuldade de dormir sem a medicação, sensação de “irritação” quando fica sem usar e de “desespero” diante da eventual falta da medicação” (p. 1134).

Entre os relatos colhidos pela pesquisadora, uma entrevistada que já havia feito uso de maconha, declarou que a dependência da substância ilícita era bem menor, uma vez que, não se preocupava em ficar sem essa. Entretanto, se ela nota que irá ficar sem o benzodiazepínico sente-se desesperada. Em relação ao supracitado, nota-se que o uso prolongado de Benzodiazepínicos não garante a cura, uma vez que, o estudo mostrou que tais mulheres utilizam o medicamento há

⁴ psicotrópicos geralmente indicado para o tratamento de transtorno de ansiedade e como indutores de sono

anos. Além disso, 28 delas não pensavam em interromper o tratamento, tendo como entre as justificativas, que:

Se eu não tomar eu não consigo dormir... Eu tenho a consciência de saber que é muito tempo, mas enquanto eu não puder me libertar, eu vou tomando o remédio [...] só de eu pensar (em parar ou diminuir) às vezes eu já fico nervosa (SOUZA, A.R. L et al, 2013, p. 1135).

Outra entrevistada declarou em relação ao psicotrópico: “Acho que me ajuda. Me ajuda muito...é uma fuga... Quando eu tô com problema, é pra esquecer do problema” (SOUZA, A. R. L et al, , 2013, p. 1134). Dessa forma, podemos inferir, mais uma vez, que os psicotrópicos são utilizados como evasão, uma vez que, a pesquisa não demonstra que as entrevistadas recorriam a outro tipo de tratamento, e ainda que, os psicofarmacos estão sendo apresentados à população leiga como uma forma de não lidar com seus problemas, quando na verdade, o mais eficaz seria confrontá-los.

Vemos que tais dados vão em direção ao que foi discutido, pois, na medida em que a ciência tenta homogeneizar um discurso biológico, o qual tem colocado o cérebro como evidencia, deixa-se de lado os aspectos psicológicos, pois, o sujeito passa a acreditar que seu sofrimento possui uma causa orgânica, para o qual existe um diagnóstico e um medicamento.

O sujeito, portanto, está cada vez mais fugindo de si mesmo em uma busca implacável de se enquadrar naquilo é tido como normalidade para a sociedade vigente, sendo que, este modo nega o sofrimento como parte da subjetivação humana.

CAPÍTULO II:

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E OS DIAGNÓSTICOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

3.1 A distopia e os dispositivos de controle

O termo utopia surgiu no século XVI, com a obra com o mesmo título, do filósofo Thomas More. Na literatura, designa narrativas sobre uma sociedade perfeita e feliz, cujo discurso político é a exposição sobre a cidade justa ou ideal. “Em grego, *tópos* significa lugar e o prefixo “u” tende a ser empregado com significado negativo, de modo que *utopia* significa “não lugar” ou “lugar nenhum” (CHAUI, 2008, p. 1).

Enquanto que as utopias são a afirmação de um futuro seguro e bom, as distopias por sua vez, criticam e denunciam, de forma pessimista, os assombros de uma sociedade futura.

A narrativa distópica se configura como uma previsão a qual é preciso combater no presente, fazendo soar o alarme avisando que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie (HILÁRIO, 2013).

Fromm (2009) analisa que as distopias “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós-medieval” (FROMM, 2009, p. 369).

Assim, a distopia *Admirável Mundo Novo* foi lançada em 1932, na Inglaterra, em um cenário o qual predominava discussões políticas sobre o fascismo. Além disso, observava-se um forte crescimento industrial e urbano, e a expansão do Fordismo. Huxley (1932) faz uma analogia do nascimento do empresário Henry Ford com o surgir de uma nova era, conhecida como Era Ford, ou realidade Fordiana, primícias para o surgimento da obra literária (SOUZA, 2012).

Matos (2011) considera que a ideologia pautada na distopia de Huxley não foi uma mera eventualidade, pois Henry Ford acreditava que o sistema político permitia que os menos capazes vivessem de forma mais tranquila e com menos esforço, assim, para o fundador do Fordismo, os homens não poderiam prestar serviços iguais, pois, os mais aptos eram menos numerosos que os menos aptos. Assim, os

menos aptos ficariam responsáveis pelas funções de trabalho braçal e mecanizadas que não exigia um esforço intelectual.

Huxley (1946) acreditava que suas análises e previsões sobre uma sociedade organizada, sistema científico de castas e pílulas da felicidade fornecida pelo governo não chegariam a seu tempo.

Porém, em o *Regresso Ao Admirável Mundo Novo* (1946) o autor discute sobre as concretizações das mudanças já observadas em seu tempo:

Vinte e sete anos depois, no terceiro quartel do século XX d. C., e muito antes do fim do século I d. F., sinto-me muito menos otimista do que quando estava para escrever o *Admirável Mundo Novo*. As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava (HUXLEY, 1946).

Diferentemente do *1984* de George Orwell, na qual vemos claramente o controle do estado e repressão política, em *Admirável Mundo Novo*, Huxley (1932) nos apresenta uma sociedade que busca a estabilidade social, na qual “cada um pertence a todos”⁵, e para tal, utiliza o condicionamento hipnopédico, ao invés da força física. Sendo assim, os sujeitos já nascem condicionados e satisfeitos com sua casta imposta (condição social), e diante de qualquer tentativa de sofrimento há o soma.

Como o próprio Huxley analisa:

A sociedade descrita no *1984* é uma sociedade controlada quase exclusivamente pelo castigo e pelo receio do castigo. No mundo fictício da minha própria imaginação, o castigo não é frequente e é, de um modo geral, brando. O controle quase perfeito exercido pelo governo é executado pelo reforço metódico de comportamento desejável, por inúmeras variações de manipulação quase não-violenta, tanto física como psicológica, e pela standardização genética (HUXLEY, 1946, p. 8).

Tendo em vista tais reflexões, é possível constatar que na sociedade contemporânea, o *Admirável Mundo Novo* pode ser cada vez mais ansiado, uma vez que, deslumbra o sujeito e propõe o imaginário de uma sociedade perfeita, na qual não há mais sofrimento e revoltas.

Caperuto et al (2008) considera que na obra de Huxley a massa de indivíduos era condicionada para servirem de consumidores, sendo essa uma estratégia de

⁵ HUXLEY, 1932.p. 62.

manutenção da ordem social, outrossim, a felicidade também era tida como norma vigente, sendo essa atingida com uso de drogas e consumo exacerbado.

Fromm (2009), ao diagnosticar as distopias clássicas (1984, Admirável Mundo Novo e Nós⁶) evidencia que nenhuma delas passou o imaginário de que a destruição da humanidade dentro do homem é tarefa fácil, pois, os autores das referidas distopias, chegaram à conclusão de que tal destruição só é possível a partir de técnicas que atualmente são de conhecimento comum (mídia, propaganda, ciência). Em Admirável Mundo Novo (1932) a principal ferramenta para modificar essa humanidade era a seleção biológica artificial, sugestões hipnóticas e as drogas.

Como destaca Huxley (2014):⁷

O amor à servidão não pode ser instituído senão como fruto de uma profunda revolução pessoal nas mentes e nos corpos humanos. Para efetuar essa revolução precisamos, entre outras coisas, das descobertas e invenções enumeradas a seguir. Primeiro, uma técnica de sugestão consideravelmente aperfeiçoada – pelo condicionamento infantil, e, mais tarde, com o auxílio de drogas (HUXLEY, 2014. p. 16).

Assim, esse processo artificial que buscava modificar a humanidade e consolidar a estabilidade social, era conhecido como *Bokanovsky*, podendo ser explicado como sendo “a produção em série aplicado à biologia”⁸, na qual produzia-se sujeitos idênticos de forma mecanizada - assim como no Fordismo -, o qual permitia criar “homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma pequena usina constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado”⁹, a este processo eram submetidos, ainda in vitro, os Gammas, Deltas e Ípsilons, os quais eram condicionados para cumprirem as funções de trabalho mais baixas.

Indubitavelmente, massificar os indivíduos e fazê-los agir de acordo com o bem comum, é um dispositivo de poder para evitar revoltas, pois, a massa é impenetrável às indagações individuais. Em relação a isso, Bernard, um dos personagens centrais da distopia é acusado de ter um comportamento destoante, o que é apontado como uma falha em seu condicionamento. Desse modo, o personagem se recusa a tomar o soma por algum tempo, porém ele não representa

⁶ George Orwell, Aldous Huxley, Yevgeny Zamyatin, respectivamente.

⁷ HUXLEY, A. Prefácio (1946). In: Admirável Mundo Novo. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

⁸ HUXLEY, 1932 . p.25

⁹ Huxley, 1932, p. 26.

uma ameaça social diante de tantos indivíduos que visam ser um só corpo social, pois, conforme dita o condicionamento hipnopédico: “cada um trabalha para todos. Não podemos prescindir de ninguém. Até os ípsilons são úteis. Não poderíamos passar sem os ípsilons”¹⁰.

Hilário (2013) observa que na obra de Huxley (1932) o processo de subjetivação é entrelaçado com o social, pois, os sujeitos “... não apenas se inscrevem no tecido social através de práticas culturais, mas também são produzidos a partir de determinada sociedade de maneira dialética” (p. 207), e isso muito se assemelha com os dispositivos de mídia e poder na atualidade.

Outrossim, o condicionamento era realizado de acordo com a necessidade econômica, como podemos observar em um trecho da obra, ressaltado pelo Diretor de Incubação e condicionamento, um dos personagens apresentados no livro: “é o segredo da felicidade e da virtude: amamos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 1932. p. 36).

Huxley (1946) analisa que um Estado totalitário eficiente seria aquele em que os administradores controlassem uma população de escravos e não tivessem que ser coagidos, pois, amariam sua servidão. Nesse sentido, Foucault (1999) pondera que nas sociedades disciplinares, o corpo é tido como objeto e alvo de poder, cujo propósito não é apenas “o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente” (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Foucault (1999) assevera que a disciplina fabrica, desse modo, corpos submissos que têm sua utilidade econômica aumentada e ao mesmo tempo diminui essas mesmas forças tornando-os dóceis politicamente. Como ressalta o autor: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999. p. 163).

Assim, na sociedade delineada por Huxley (1932) os dispositivos de poder utilizados pelo Estado se acoplavam em prol de manter a estabilidade social, visto que, a divisão em castas e seu condicionamento fazia com que essas trabalhassem

¹⁰ Ibid, ibid. p. 100

e amassem sua tarefa, por outro lado, incitava-se à liberdade sexual para produzir o imaginário de liberdade, enquanto que o consumo era buscado devido às repetições durante o sono, e por fim, tinha-se o soma como fonte de prazer constante, logo, produziam-se corpos “politicamente dóceis e economicamente úteis” (FOUCAULT, 1999).

Em relação a isso, Han (2015) discorre sobre a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, pois, segundo o autor, a sociedade do desempenho gera novas coerções, visto que, o homem torna-se escravo de si mesmo, na medida em que ele próprio se controla para que seja produtivo e viva em função do desempenho, deixando de lado o lazer e o tempo livre.

Desse modo, o sujeito já ama sua servidão, não cabendo ao Estado ou mesmo a uma empresa cobrar pelo seu desempenho, uma vez que, o próprio sujeito desempenha esse papel. Tanto na sociedade atual como na distopia, o sujeito tem o papel social e a identidade ligados à sua função e desempenho no trabalho.

Nesse sentido, Sennet (2009) ao refletir também sobre o trabalho com o advento do capitalismo, analisa que desde então temos desenvolvido o senso de que as carreiras desenvolvem nosso caráter. Porém, o sujeito no capitalismo flexível encontra-se em um paradoxo, pois, devido às mudanças econômicas, precisa ter uma identidade flexível para atender ao mercado dinâmico. Assim, encontra-se à deriva, pois, devido à instabilidade do mercado, perdeu-se a historicidade, ou seja, o propósito em relação ao presente e as perspectivas em relação ao futuro.

Destarte, o sujeito é condicionado ao trabalho incessante, tanto em *Admirável Mundo Novo*, como na contemporaneidade, e as formas como o sujeito lida com essa extraterritorialidade e insegurança em relação ao futuro levam ao que Sennet (2009) chama de corrosão do caráter.

Também cabe analisar outra forma de se cumprir a estabilidade social, esse processo também se dá pelo condicionamento *hipnopédico*. Trata-se de um método pelo qual os sujeitos passavam quando crianças, e que consistia em várias repetições de frases programadas durante o sono.

Conforme podemos observar:

O condicionamento sem palavras é grosseiro e genérico; é incapaz de fazer apreender as distinções mais sutis, de inculcar as formas de comportamento mais complexas. Para isso é preciso palavras, mas palavras sem explicação racional. Em suma, a hipnopédia (HUXLEY, 2014, p. 49).

O indivíduo sabia o que lhe ocorria, pois, lembrava-se do seu condicionamento ocorrido durante o sono, porém, não questionava sua condição devido ao próprio método pelo qual passou, além disso, se achava civilizado e livre devido a grande oferta de consumo, entretenimento e liberdade sexual, de forma que não se permitiam questionamentos.

Como podemos observar:

“Não podemos prescindir de ninguém” ... lembrou o seu primeiro choque de medo e surpresa; as especulações de seu espírito em meia hora de insônia; e depois sob a influência das repetições sem fim, sua mente acalmando-se pouco a pouco com a aproximação sedativa e acariciada do sono deslizando de mansinho... – suponho que, na realidade, os ípsilons não se importam de serem ípsilons- disse em voz alta (HUXLEY, 1932. p. 99).

O método referido reverberava no inconsciente das massas, de forma que reproduziam tais discursos e jeitos de ser: “Estou muito contente por não ser uma ípsilon – observou Lenina com convicção. – E se você fosse uma ípsilon – retorquiu Henry – o seu condicionamento a deixaria não menos satisfeita por não ser uma Beta ou uma Alfa”. (HUXLEY, 1932. p. 100).

O condicionamento também era utilizado como forma de manter o consumo por meio de repetições como : “Mas as roupas velhas são horríveis... Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale dar fim que conservar”¹¹. “ Quanto mais se remenda, menos se aproveita”¹² . Podemos fazer uma analogia do condicionamento *hipnopédico* às propagandas difundidas pela mídia na contemporaneidade. Conforme aponta Chauí (2006), a palavra propaganda deriva do verbo propagar que significa “multiplicar uma espécie por meio da reprodução, espalhar-se por um território, aumentar numericamente por contágio, irradiar-se, difundir-se, divulgar” (CHAUI, 2006. p. 37).

De modo semelhante, nos berçários, na lição de consciência de classe elementar, frases eram difundidas para condicionar o sujeito a oferta futura que ele deveria consumir: “como eu adoro andar de avião” murmuravam. Como eu adoro ter roupas novas...” (HUXLEY, 1932. p. 71).

¹¹ Huxley, 1932.p. 71.

¹² Huxley, 1932. p. 150

Tanto na distopia quanto na contemporaneidade, a mídia hegemônica seduz e condiciona o sujeito para o consumo, criando desejos para que esse “passe a aderir a um simulacro de realidade, da felicidade eterna e perfeita, tão sedutor quanto vazio de significado” (CAPERUTO et al, 2008. p. 5).

Nessa direção, Freire Costa (2004) define o consumismo como sendo:

O modo que o imaginário econômico encontrou de se legitimar culturalmente, apresentando as mercadorias como objetos de necessidades supostamente universais e pré-culturais, e ocultando, por esse meio, as desigualdades econômico-sociais entre os potenciais compradores (FREIRE-COSTA, 2004. p.2).

A partir disso, vemos que há na distopia e na contemporaneidade o consumismo exacerbado. Como afirma Bauman (2001) o consumo não está ligado às necessidades básicas, mas ao querer, pois o sujeito vai às compras pelas habilidades necessárias ao sustento da sua satisfação pessoal e afirmação do imaginário que deseja passar.

Dessa forma, o consumidor é visto como um comensal e sua tarefa árdua reside na ampla possibilidade de escolhas, pois, terá que elencar prioridades para consumir, além disso, “a despeito de suas sucessivas e pouco duráveis reificações, o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado” (BAUMAN, 2001. p. 89).

Vale ressaltar, que na obra referida os indivíduos são condicionados a terem aversão à natureza para poderem consumir mais, e até mesmo o entretenimento e lazer são condicionados para adesão aos objetos de consumo, conforme podemos notar:

Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o diretor, em conclusão –, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que eles consumam artigos manufaturados, assim como transporte. Daí esses choques elétricos (HUXLEY, 1932. p. 43).

Por isso, a história, os livros e as poesias foram abolidos, “uma vez que não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros”.¹³ A esse respeito, Chauí (2006) alerta que na contemporaneidade a mídia utiliza-se de mecanismos de

¹³ Huxley, 1932. p. 72.

entretenimento para produzir a chamada sociedade do espetáculo, banalizando a cultura (CHAUI, 2006).

Em *Admirável Mundo Novo*, a vida então se resume ao espetáculo (DEBORD, 1997), pois, o sujeito vive uma representação de acordo a como é condicionado, esperado e aceito moralmente pela sociedade. Assim, os relacionamentos, o trabalho, o lazer, tudo se resume ao simulacro.

O sexo também era um dispositivo de controle, pois, tinha uma função social e ainda servia como entretenimento produzindo um simulacro de liberdade. Porém, como ressalta Llosa (2004) essa liberdade não está ligada ao erotismo visto que o sexo foi dissociado da reprodução e amor, pois os sentimentos foram extintos quimicamente. O sexo então seria a própria negação do erotismo.

Llosa (2004) aponta que em *Admirável Mundo Novo* o sexo é higienizado em excesso, ou seja, isento de riscos ou mistérios, uma vez que não é algo individual, pois denota uma função social, logo, foi desnaturalizado. As crianças eram iniciadas sexualmente, e ter muitos parceiros era o padrão dessa sociedade. Desse modo, o sujeito era condicionado a uma vida sexual promíscua, visto que ficar muito tempo com um mesmo parceiro era visto como aversivo.

Conforme podemos observar:

Não sei por que – disse pensativa -, mas já faz algum tempo que não me sinto muito inclinada à promiscuidade. Há ocasiões em que isso acontece. Você nunca sentiu a mesma coisa, Fanny?
A outra inclinou a cabeça num gesto de simpatia e compreensão.
- Mas é preciso fazer o esforço necessário – disse em tom sentencioso- É preciso portar-se convenientemente. Afinal, cada um pertence a todos (HUXLEY, 1932. p. 65)

Para Foucault (1988) a sexualidade não é algo natural, esse é um fenômeno influenciado pela sociedade e cultura. No século XVII houve um estímulo em falar sobre o sexo, o discurso da sociedade sobre sexualidade foi modulado pelas ciências, não como recusa em conhecer o sexo, mas ao contrário, instaurou-se todo um molde para produzir verdadeiros discursos regulados sobre comportamentos sexuais, dessa forma então, produziram-se melhores mecanismos de controle populacional, e esse falar sempre expressa o segredo, o não dito, sobre o sexo.

Em *Admirável Mundo Novo*, assim como na contemporaneidade, percebe-se que a tecnologia e mídia também modulam a sexualidade e a forma das pessoas se relacionarem, de forma que o sujeito acredita ser livre, entretanto, cada vez mais os laços têm sido perdidos, e o sexo apresenta-se como um entretenimento.

Em relação a isso, Bauman (2004) reflete sobre as influências da nossa relação com os objetos de consumo nos relacionamentos amorosos, pois, a abundância e disponibilidade das experiências amorosas assim como dos bens de consumo, leva o sujeito a acreditar que amar é uma habilidade adquirida assim como o comprar, e pode ser potencializada conforme a prática e novas experiências e o que próximo relacionamento será ainda mais excitante e estimulante.

Podemos refletir se não estamos desse modo, nos aproximando dos relacionamentos vivenciados no *Admirável Mundo Novo*, pois, na contemporaneidade o engendramento da subjetivação está ocorrendo de acordo com o imediatismo, consumismo, banalização dos relacionamentos e moral do prazer. O que nos leva a desejar cada vez mais o Soma, ou seja, ansiar pela droga perfeita que dê fim aos nossos conflitos.

3.2 O Soma nosso de cada dia nos dai hoje!

Soma é o que eles tomariam quando
 tempos difíceis abrissem seus olhos
 Vissem a dor suave de um novo jeito
 Riscos altos para poucos nomes
 Correndo contra os raios do sol
 Perdendo contra seus sonhos
 Em seus olhos
 (SOMA- The Strokes)

Huxley (1946) explica que a substância utilizada em sua distopia, denominada Soma, é uma planta oriunda dos antigos arianos, invasores da Índia. Os nobres e sacerdotes utilizavam o suco retirado dos caules da planta em rituais religiosos a fim de atingir a transcendência e luz. Porém, esta droga tinha seus inconvenientes e poderia levar à morte em caso de alta dosagem, o que se difere da droga referida no livro, a qual não possuía efeitos colaterais, sendo, portanto, a droga perfeita.

Nas palavras de Huxley (1946):

No Admirável Mundo Novo da minha ficção não havia uísque, nem tabaco, nem heroína proibida, nem cocaína de contrabando. As pessoas não fumavam, nem bebiam, nem cheiravam rapé, nem se dopavam. Quando alguma pessoa se sentia deprimida, ou mal disposta, tornava uma ou duas pílulas de um composto químico denominado Soma (HUXLEY, 1946. p. 69).

A partir do exposto, podemos constatar que as substâncias psicoativas vêm sendo utilizadas desde os primórdios da humanidade em rituais religiosos como busca de contato com a divindade. Mesmo as drogas ilícitas podem ser utilizadas com esse fim, porém, o que visamos problematizar aqui é a relação que o sujeito tem feito com as substâncias, pois, tanto em *Admirável Mundo Novo* quanto na sociedade contemporânea, temos nos vinculado a estas substâncias - neste caso nos reportaremos às drogas lícitas - como forma de evasão.

Além disso, se o Soma era utilizado como forma de manutenção da estabilidade social, é possível refletir: os psicotrópicos, que já vem sendo fornecidos pelo governo nas unidades de saúde, não poderiam no futuro nos levar ao mesmo fim? Ou já teríamos atingido esse patamar?

O autor de *Admirável Mundo Novo* adverte sobre os perigos dos tranquilizantes serem usados como estratégias de estabilidade política:

É evidente que um ditador podia se assim o desejasse, empregar estas drogas para fins políticos. Poder-se-ia prevenir contra a agitação política transformando a química cerebral dos seus súditos, e fazer, desta maneira, que se contentassem com a sua condição servil. Podia empregar tranquilizantes para acalmar os excitados, estimulantes para avivar o entusiasmo nos indiferentes, alucinantes para distrair da sua miséria a atenção dos inditosos (HUXLEY, 1946, p. 76).

Não tão distante, na contemporaneidade os psicotrópicos dispensados de forma indiscriminada pelos psiquiatras em postos de saúde, também agem nesse propósito. Como pode ser visto ordinariamente no processo de medicalização da educação, ou seja, crianças recebem diagnósticos e medicamentos por não aprenderem, ao invés de se questionar os métodos utilizados no processo de educação. O governo poderia dessa forma, criar uma legião de conformados e não críticos. De modo semelhante ocorre aos trabalhadores adoecidos pelos processos de trabalho, pois, no lugar de refletir sobre as variáveis envolvidas e a condição na

qual o sujeito se encontra, a droga é utilizada para que esse se conforme com tal condição e isso equivale para outros conflitos presentes na vida cotidiana que são patologizados.

Huxley (1946) em suas análises sobre a proximidade de sua obra fictícia com a sociedade estadunidense da época, já alertava quanto ao uso dos fármacos:

Então, analisemos os barbitúricos e tranquilizantes. Nos Estados Unidos estas drogas só podem ser adquiridas com receita médica. Mas a procura que o público americano faz de algo que tornará um pouco mais suportável a vida num ambiente urbano-industrial é tão grande que os médicos estão agora a aviar receitas de vários tranquilizantes ao ritmo de quarenta e oito milhões por ano. Além disso, a maioria destas receitas volta a ser aviada. Cem doses de felicidade não são suficientes: tragamos da farmácia outro frasco – e, quando este terminar, mandemos buscar outro... Não há dúvida de que, se os tranquilizantes pudessem ser adquiridos a preço tão módico e de forma tão fácil como a aspirina, seriam consumidos, não aos bilhões, como são no presente, mas às vintenas e centenas de bilhões. E um estimulante, bom e barato, seria quase tão popular como estes (HUXLEY, 1946. p. 76).

De fato, já é possível notar um aumento muito maior no consumo de ansiolíticos e antidepressivos (conforme os dados já apresentados). Pode-se observar que ao contrário dos Estados Unidos, onde os psicotrópicos são divulgados na televisão, no Brasil não temos essa influência. Desse modo, não é apenas o baixo preço dos fármacos que se torna atrativo, mais que isso, o processo de subjetivação na sociedade contemporânea, pautado na moral do prazer e consumo (FREIRE- COSTA, 2005), leva o sujeito a não querer viver os conflitos e recorrer aos psicofármacos da mesma maneira que o sujeito no *Admirável Mundo Novo* recorria ao Soma.

Birman (2014), por sua vez, diagnostica que na contemporaneidade o sujeito tem se desvinculado da interiorização, de modo que suas manifestações se dão no domínio do corpo. Na contemporaneidade a temporalidade e espacialidade se apagam, pois estão condenadas à inexistência de futuro, pois, “a suposta hegemonia do narcisismo nos destina às miragens do eterno presente, na sua repetição do mesmo, no aqui e agora” (p. 54). Desse modo, o envelhecimento se transforma em enfermidade e a morte também é vista de forma aversiva e deve ser expurgada de modo que aumentam-se os investimentos na estética e longevidade. Tais práticas podem também serem apontadas como sintomas do processo de medicalização do Ocidente. Nesse sentido, a psiquiatria, baseando-se nas

neurociências, acredita possuir a melhor eficácia para o dito mal-estar do sujeito, sendo essa solução medicamentosa.

Somando-se a isso, Freire-Costa (2007) considera os avanços e benefícios da tecnociência, contudo, ressalta que isso não faz do cérebro a autarquia do mental, pois, o que tem se engendrado é uma tentativa de “deslocar a autonomia do sujeito para seu cérebro e a heteronomia das causas impessoais para o reino da bioquímica ou da neurofisiologia” (FREIRE-COSTA, 2007. p. 27).

Vale ressaltar que há no presente, assim como na distopia, a presença do biopoder e discurso higienista como elucida Birman: (2011)

Assim, a genética médica e as pesquisas sobre o genoma inscrevem-se neste imaginário, fazendo crer que a longevidade e principalmente a imortalidade poderiam ser conseguidas mediante as clonagens terapêuticas e reprodutivas” (BIRMAN, 2011. p. 79).

Por esse motivo, em *Admirável Mundo Novo* há a predominância do aparato tecnológico para gerir a manutenção do corpo, pois a velhice é vista como algo aversivo e feio. O que é possível notar durante uma visita dos habitantes de Malpáís à reserva de selvagens, na qual ao contemplar um velho, os personagens se espantam.

Conforme pode ser observado à seguir:

- O que é que ele tem? Sussurrou Lenina. Estava com os olhos arregalados de horror e espanto.
- Ele é velho, simplesmente – Respondeu Bernard, com toda a indiferença que lhe foi possível aparentar. Estava também sobressaltado, mas fez um esforço para se mostrar imperturbável.
- Velho? – repetiu ela. – Mas o Diretor é velho e há uma porção de gente que é velha, e, no entanto não são assim.
- É porque não deixamos que fiquem assim. Nós os preservamos de doenças, mantemos artificialmente as secreções internas no nível da juventude. Não deixamos cair a taxa de magnésio e cálcio abaixo do que era aos trinta anos. Fazemos transfusões de sangue jovem. Mantemos o metabolismo estimulado permanentemente. Por isso, sem dúvida, eles não têm esse aspecto. (HUXLEY, 1932. p. 139)

De modo semelhante, o sujeito contemporâneo tem sua construção subjetiva pautada na bioidentidade (FREIRE-COSTA, 2005). Desse modo, investe no corpo e atributos estéticos, assim, o que se torna hegemônico é o discurso sobre o corpo *fitness*, sobre as dietas *low carb*, sobre os treinos de academia, enfim, sobre a beleza. Isso ocorre não como forma de investir na saúde, mas como uma tentativa de prolongar a juventude.

Cabe destacar que se há um discurso pautado sobre o corpo e, somando-se a isso, as origens do sofrimento também são vistas como neurológicas, as medidas tomadas serão de intervenção no âmbito corporal. Birman (2011) afirma que os psicotrópicos são receitados pelos clínicos e psiquiatras como forma de tentar regular bioquimicamente o mal-estar na pós modernidade – desse modo, o sofrimento é medicalizado.

Podemos observar tal fato em um dos trechos no qual a personagem Lenina evidencia a utilização do soma como evasão:

...E o que compreendo ainda menos que tudo - é porque você não toma o soma quando tem essas ideias terríveis. Você as esqueceria completamente. E, em vez de se sentir infeliz, ficaria alegre. Sim, muito alegre –repetiu (HUXLEY, 1932. p . 118)

Igualmente, na contemporaneidade o sujeito também ouve de pessoas leigas para que procure um psiquiatra que lhe receite algo para dar fim às suas angústias. A esse respeito, Birman (2011) assevera que a experiência do sujeito com as drogas tem se transformado numa evasão de si mesmo, isso devido ao hedonismo, pois o sujeito ao buscar o prazer sensorial hoje, acaba por fugir da realidade que lhe é insuportável.

Nas palavras de Birman (2011):

A cultura da droga seria assim uma resposta ao mal-estar na atualidade, pela qual o sujeito, despossuído da possibilidade de acreditar que possa fazer algo, busca pelo hedonismo e pela sensorialidade prazerosa produzir algum gozo diante de tanta dor (BIRMAN, 2011. p. 90).

Diante disso, é possível observar que o imediatismo e tentativa de não vivenciar a frustração presente no *Admirável Mundo Novo* se configura de forma semelhante na contemporaneidade. Dantas (2009) analisa que o uso indiscriminado de medicamentos e a convicção de que o sofrimento deve ser abolido a qualquer preço, é um dos traços significativos da cultura ocidental. Nesse script, a medicalização se torna uma das formas mais eficientes e imediatas de amenizar a angústia do cotidiano, portanto “... o psicofármaco aparece como uma solução técnica para eliminar nossas inquietações diante de uma sociedade que nos impõe a necessidade de estar na condição de felicidade permanente” (DANTAS, 2009. p.2).

Dantas (2009), em seguida, pondera que as ciências se norteiam na compreensão da subjetividade humana de forma tecnificada, reduzindo-a a sistemas neuronais que, quando em desequilíbrio, provoca o adoecimento. Logo, a

subjetividade é entendida como uma engrenagem, que cabe ser consertada ou ajustada de forma medicamentosa.

Conforme afirma a autora:

Inseridos nesta panaceia de práticas e discursos, encontramos todo um aparato tecnológico que fortalece o discurso da medicalização como uma espécie de divindade personificada em pílulas capazes de proporcionar intensas sensações ou realizar nossos maiores desejos. O discurso técnico vai, assim, rompendo as paredes das indústrias farmacêuticas e se tornando um discurso comum, quase necessário, para aquele que busca sucesso e felicidade no mundo contemporâneo (DANTAS, 2009, p. 565).

Dantas (2009), na esteira dessas considerações, também evidencia o uso de medicamentos como tentativa de promover uma organização social e manutenção da ordem. Tal fenômeno sustenta a ideia de que “... os medicamentos representam concentrados das principais características que os indivíduos devem apresentar para sobreviver em meio à cultura de consumo na atualidade” (DANTAS, 2009. p. 567).

Nessa direção, Coelho e Filho (1999) refletem sobre os padrões de normalidade que surgiram na segunda metade do século XIX, no qual as ciências médicas e mental já buscavam intervir sobre o corpo e mente do indivíduo a fim de normalizá-lo para a produção, sendo o corpo visto como máquina que deveria ser consertada e programada. Por isso, as capacidades e parâmetros de funcionamento social passaram a ser função da psiquiatria, psicologia e sociologia.

Coelho e Filho (1999), assim, avaliam que se houvesse uma intervenção genética sobre a norma, ou seja, a criação de eugenias, estaríamos nos aproximando do simulacro do *Admirável Mundo Novo*, no qual não haveria doentes, “ todos seriam normais não porque haveria diferentes normas e todas elas seriam saudáveis, mas porque só existiria um tipo de norma, a que não admite a doença, e esta norma não seria sã, ela seria patológica”. (COELHO; FILHO, 1999. p. 23)

Canguilhem (2009) por seu turno, afirma que “aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação, se permanecer inalterado” (p.71). Assim, podemos nos questionar se a normalidade vista em *Admirável Mundo Novo* e o engendramento da medicalização da vida contemporânea, a qual busca por meio dos psicotrópicos normalizar os sujeitos, não seria então, algo de ordem patológico.

À vista disso, Sandel (2013) denuncia as novas formas de eugenia produzidas pela bioengenharia, a qual permite que os sujeitos escolham características genéticas selecionando os aspectos mais vantajosos, seja na clonagem ou fertilização *in vitro*. Desse modo, o autor expõe que surge um problema moral quando os sujeitos utilizam-se da medicina não para curar doenças, mas com o propósito de melhorar suas características físicas ou cognitivas acima das normas gerais.

Tais modificações são chamadas de transumanismo ou pós-modernismo, o qual se apresenta como um dos maiores desafios para a bioética no século XXI. O transumanismo é resultado da dificuldade do ser humano em lidar com o imprevisível, assim, esse tenta controlar o seu destino biológico através de intervenções genéticas, cujas ferramentas utilizadas para alcançar esse fim incluem: a manipulação genética, nanotecnologia, cibernética, aprimoramento farmacológico e simulação de computador. A mais audaciosa visão transumanista refere-se ao conceito de mente reprogramável (*mind uploading*). Cujo objetivo seria capacitar as pessoas a lerem completamente as conexões sinápticas do cérebro humano, criando um réplica exata desse para existir e funcionar dentro de um computador, de forma que o cérebro iria tornar-se imortal (PESSINI, 2006)

Sandel (2013), por conseguinte, reflete sobre o investimento feito pelas indústrias de biotecnologia em medicamentos para melhorar a memória. Tais indústrias visam não apenas idosos com a doença de Alzheimer, mas também têm visado pessoas acima de 50 anos que sofrem perda natural da memória. O autor traz à reflexão que essas drogas podem ser utilizadas para fins não medicinais e com propósitos de melhoramento genético, com a finalidade de se apagar lembranças ruins. Desse modo, as empresas farmacêuticas veriam nesse desejo do sujeito em esquecer, uma oportunidade de mercado.

Como ressalta o autor:

Quem deseja apagar o impacto de lembranças traumáticas ou dolorosas poderá em breve tomar um medicamento capaz de evitar que os acontecimentos horrendos irrompam de modo vívido na memória. Vítimas de violência sexual, soldados expostos à carnificina da guerra ou membros de equipe de salvamento ou resgate obrigados a enfrentar o desfecho de ataque terrorista poderiam tomar uma droga supressora da memória para nublar um trauma que, de outro modo, talvez os atormentasse por toda a vida. Se o uso de tais drogas tornar-se amplamente aceito, pode ser que um

dia elas venham a ser administradas rotineiramente nos prontos-socorros e hospitais militares (SANDEL, 2013, p. 27).

Nesse sentido, percebe-se que tais práticas de engenharia genética e medicina aliadas aos fármacos, modificam a condição e subjetividade humana, pois partem do pressuposto de que aspectos psíquicos e de sofrimento devem ser retirados da vida do sujeito. Nessa direção, configura-se um apagamento do sujeito pois desse modo, todos estariam condicionados a serem iguais e viverem as mesmas experiências – desde que estas sejam positivas.

Sandel (2013) também analisa o crescente uso da Ritalina. O autor afirma que os lucros da indústria farmacêutica rendem U\$\$ 1 bilhão por ano, fato atribuído ao diagnóstico errado, pois os médicos deixam de lado as variáveis envolvidas no processo de aprendizagem. Além disso, o uso também tem sido feito por estudantes de ensino médio para melhorarem seu desempenho e sucesso. Assim, o autor denuncia que o debate sobre essas drogas, se difere daquelas utilizadas nos anos 60 e 70 (como maconha e LSD) para uso recreativo, uma vez que a Ritalina e Adderal não são para distrair ou para uma experiência de evolução de consciência, de absorção e compreensão do mundo, e sim, para se concentrar e moldar-se ao mundo, encaixar-se nele.

Nas palavras do autor:

Costumávamos chamar o uso de drogas não medicinais de “recreacional”. Esse termo já não se aplica. Os esteroides e estimulantes que figuram no debate em torno do melhoramento não são uma fonte de recreação, mas uma tentativa de adequação, uma forma de resposta à demanda competitiva da sociedade para melhorar nosso desempenho e aperfeiçoar nossa natureza. Essa demanda pelo desempenho e pela perfeição anima o impulso de injuriar o que nos é dado. É a fonte mais profunda do problema moral do melhoramento (SANDEL, 2013. p. 72).

Notoriamente, o processo de expansão de consciência leva o sujeito a ter contato com seu mundo interno, podendo ser uma experiência positiva, porém, também dolorosa a depender do seu contexto, por isso, o sujeito sensorial recorre com mais frequência às drogas receitadas pelos psiquiatras, as quais prometem fazê-lo dormir, ficar feliz ou apático, ou seja, algo que lhe faça se adequar aos padrões normais –logo, o da sociedade medicalizada.

Nessa direção, Roudinesco (2000) reflete sobre tal tentativa de tornar o sujeito moldado e apático, uma vez que as ciências positivistas e apegadas aos princípios da ciência pura pretendem aplicar seus estudos à totalidade dos processos humanos, desse modo, visam dominar a fabricação do homem, o que seria assim, uma nova versão do mito de Prometeu. Em seguida, Roudinesco (ibid) argumenta que tais ciências buscam assimilar o cérebro à máquina, partindo do princípio de que o pensamento e a subjetividade são função apenas do domínio cerebral. Contudo, não se trata de descartar a importância do funcionamento neuronal, como ressalta a autora: “é uma evidência dizer que sem a atividade cerebral não haveria pensamento, mas é uma inverdade afirmar que o cérebro produz pensamento unicamente em função de sua atividade química (ibid, ibid. p. 57).

Consumando todas as reflexões feitas até aqui, cabe citar as análises de Roudinesco (2000) sobre o famoso romance *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, o qual narra a história do cientista Victor Frankenstein que resolve fabricar um ser humano sem alma pela junção de vários cadáveres: “uma vez criado, entretanto, o monstro se humaniza e sofre por ser desprovido da centelha divina, a única que seria capaz de lhe permitir viver” (p.59). No desfecho da obra, a criatura pede ao cientista que crie uma mulher igual a ele, porém, o drama termina com a morte do criador pela sua criatura. A narrativa nos remete ao paradigma dual cartesiano no qual mente e corpo seriam separados, o que serve de suporte a neurotecnologia e bioengenharia na medida em que compreendem o ser humano como ser racional, consciente e cerebral.

Como aponta Roudinesco (2000):

Se o discurso cientificista é capaz de se apropriar do cérebro de Frankenstein a ponto de fazer dele o emblema de uma racionalidade moderna, não é de surpreender que alguns dos melhores especialistas atuais da biologia cerebral possam cair na mesma armadilha (ROUDINESCO, 2000. p. 60)

Assim, tal história nos alerta sobre os perigos de abrir a caixa de Pandora e tentar brincar de criadores, modificando a essência humana, o que poderia levar à abolição do próprio humano. A esse respeito, Freire-Costa (2007) argumenta que se no futuro “o cérebro se torne um chip, e venhamos a reduzir teoricamente tal chip a

uma nuvem de quanta, ainda assim o espectro do sujeito reaparecerá pedindo seus direitos de autor, contra os que o plágiam” (FREIRE-COSTA, 2007. p.27).

Retomando ao *Admirável Mundo Novo*, o personagem Jhon – o Selvagem, seria a tentativa de resgate ao imprevisível, do cerne humano perdido nos habitantes civilizados de Malpaís. Como ressalta Llosa (2004) a presença do Selvagem entre os civilizados seria uma confrontação ao qual induz o leitor a preferir à selvageria e barbárie “contra a civilização que purificou o mundo, mas desterrou humano.” (p. 125).

Llosa (2004) relembra que:

O humano é perfectível, nunca perfeito. O estado de perfeição plena, de realização acabada, é prerrogativa de Deus ou das máquinas, talvez dos elementos naturais, mas não do homem. É a imperfeição, o nunca chegar a alcançar aquele estado que sua fantasia e seu desejo sempre põem mais adiante da mais bem-sucedida de suas realizações, o que dá à vida sua humanidade: o sabor da aventura, o incentivo do risco, a incerteza que condimenta o prazer (LLOSSA, 2004. p. 125).

Poderíamos, dessa forma, reafirmar que essa tentativa de felicidade artificial seria o aniquilamento da essência humana, como mostra o Selvagem. Em vários momentos, esse busca nas obras de Shakespeare re-significar sua existência e temporalidade dos fatos, e ao se apaixonar pela jovem Lenina - a qual não pode lhe corresponder pelo seu condicionamento- compreende que nem mesmo os versos do dramaturgo conseguem lhe salvar do enredo determinado da civilização fordiana, assim, prefere à morte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu tenho visto tantas coisas em apenas uma vida.
 O amor materno não existe mais. Leve esse
 selvagem para casa (...)
 Aprisione essa mente, estupefique esse cérebro
 (...) O que você vê, não é real. Aqueles que sabem
 não vão dizer.
 Tudo está perdido, venda sua alma
 Para esse admirável mundo novo
 Um admirável mundo novo (IRON MAIDEN,
 BRAVE NEW WORLD)

Ao concluir o presente trabalho e começar a tecer suas considerações conclusivas, cabe mencionar a fábula de Karen Blixen, *A história imortal*, citada por Freire-Costa (2007). Trata-se de uma narrativa sobre um comerciante chamado Mister Clay. Todas as noites o comerciante pedia à Elishama – seu empregado, que lesse os livros contábeis de sua empresa. Porém, já entediado dos mesmos relatos, Mister Clay pede ao funcionário para ouvir algo diferente. Elishama recita uma profecia, porém, Mister Clay replica que não faz sentido ouvir histórias mitológicas.

. Assim, o comerciante começa a contar uma história real que ouviu de um marinheiro, na qual um homem perto da morte que não tem a quem deixar sua herança oferece-a a um marinheiro caso este aceitasse engravidar a sua esposa. Porém, o empregado adverte à Mister Clay que aquela história também foi inventada e que os marinheiros só a contavam porque gostariam que ela acontecesse, fato que lhe provocou ira. Desse modo, o comerciante diz que se tal história nunca aconteceu, irá fazer com que essa se concretize naquele momento. E assim, o empregado recruta um casal jovem para encenar essa mesma história ao seu patrão, dessa forma, os jovens consumam a relação sexual sob os olhos de Mister Clay. O comerciante acredita que dessa forma, tudo aconteceu conforme sua vontade e assim, a história fora transformada em realidade. No outro dia, o funcionário encontra seu patrão morto e diz ao jovem marinheiro que agora ele seria o primeiro marinheiro a contar essa história de forma verídica, porém, o moço diz que tal história não parece com a qual ele encenara.

Assim, Mister Clay retrata os cientistas da atualidade que tentam a todo custo modificar a condição humana, determiná-la e aprisioná-la. Contudo, essa tentativa sempre será falha, pois a vontade do sujeito não está em seus genes ou apenas em

seu funcionamento fisiológico, como muitos neurocientistas argumentam. Como ressalta Freire-Costa (2007), o discurso reducionista-materialista também deseja ser um comerciante, mas um comerciante artiloso que assim como o personagem da fábula, tenta decompor o sujeito em determinações causais a fim de prever os comportamentos humanos, acreditando que dessa forma estariam eliminando variáveis incontroláveis como o desejo e os sentimentos humanos.

De forma semelhante, a principal mensagem que nos é passada por *Admirável Mundo Novo* diz respeito aos perigos de se viver em um mundo determinado e condicionado no qual o sujeito não pensa, não sente e não se responsabiliza por suas escolhas. O soma aliado ao condicionamento *hipnopédico* muito se assemelha aos psicotrópicos difundidos em escala global pela indústria farmacêutica e a dispositivos de controle como a bioengenharia e neurotecnologia utilizados na contemporaneidade – os quais visam homogeneizar as experiências humanas.

Acreditamos, portanto, que as condições socioculturais para que a obra de Huxley se concretize já estão dadas e, estamos assim, aproximando-nos da distopia. Observa-se que a liberdade causa angústia na medida em que leva o sujeito a questionar sobre o mundo e sobre si, a ter que fazer escolhas e se responsabilizar por elas. No engendramento da subjetividade no mundo contemporâneo, por conseguinte, o sujeito vive o efêmero, na medida em que não tem tempo para significar suas experiências.

Portanto, a felicidade artificial é uma falácia, pois embora os Fordianos sejam felizes, são apenas “na medida em que pode sê-lo um autômato: porque para eles a felicidade consiste na satisfação artificial de necessidades artificialmente criadas (LLOSSA, 2004. p. 125). Contudo, os discursos da neurociência que colocam o cérebro em evidência, ao ser criado um sujeito cerebral, têm sido amplamente aceitos. Isto por que o sujeito prefere acreditar que suas ações e sentimentos são apenas um complexo de redes neuronais – talvez isso seja mais aceitável do que ter as rédeas da própria vida. Assim, estaríamos a produzir na atualidade uma subjetivação apática e artificial, resultado de uma sociedade medicalizada, homogeneizada e condicionada.

Dessa forma podemos questionar sobre o papel da psicologia nesse contexto, pois algumas áreas da psicologia se apoiam sobre o cérebro para explicar fenômenos psíquicos e comportamentais. Assim, as terapias com enfoque na história do sujeito para explicar as causas do sofrimento, estariam ameaçadas. Contudo, esse trabalho não se propôs a invalidar a contribuição dos psicofármacos, e sim, compreender a relação que o sujeito na contemporaneidade tem feito com os medicamentos.

Embora, seja válido questionar: o sujeito não se desvincula dos ansiolíticos e antidepressivos por estar realmente com algum transtorno mental ou pelos efeitos colaterais provocados pela abstinência desses? Tendo em vista as pesquisas apresentadas - nas quais participantes evidenciaram a dificuldade de ficar sem o medicamento devido aos efeitos colaterais provocados-, é relevante novas pesquisas a fim de investigar tal fenômeno. A política de Redução de Danos poderia contribuir nesse sentido, na medida em que amplia o cuidado e discussões sobre o fenômeno das drogas, pois, compreende as diferentes relações que o sujeito faz com essas substâncias, incluindo também os fármacos.

Além disso, se a psicologia se enquadrar nesse discurso poderia também se apresentar como um dispositivo de controle para docilizar os corpos e compor com essa prática homogeneizante e psychologizante. Nesse sentido, essa pesquisa abre a possibilidade para futuras discussões sobre a relação dos psicofármacos como dispositivos de controle, uma vez que, esse trabalho se pautou de forma mais contundente na relação do sujeito com o soma no que tange à medicalização.

Em *Admirável Mundo Novo*, ao contrário de outras distopias em que um sujeito do próprio sistema se revolta e provoca uma rebelião, é o Selvagem, vindo de outro contexto quem faz essas críticas. Contudo, ele é visto como patológico e é ridicularizado pelos Fordianos. Desse modo, pode-se refletir: na contemporaneidade, o que é o normal e o patológico? Viver em uma sociedade apática e homogeneizada, mesmo sendo vigente, seria normal? Foi com essa mesma afirmativa que a raça ariana exterminou os judeus, da mesma forma lotou-se um manicômio em Barbacena-Mg com aqueles que desviavam das normas sociais, fato conhecido como o holocausto brasileiro (ARBEX, 2013). Nesse aspecto, cabe mencionar a importância da Reforma Psiquiátrica, a qual promoveu a

desinstitucionalização das práticas manicomiais, entretanto, ainda hoje prevalece um olhar higienizante sobre a loucura, ou seja, uma tentativa de enquadrar o louco no que é visto como normalidade.

Esse trabalho se propôs, por fim, alertar sobre o apagamento do sujeito movido por suas pulsões, crenças, sentimentos, indagações e paixões. A obra de Huxley, sem dúvida, poderia ser referência para os jovens na contemporaneidade. Por último, podemos questionar: Quem é o Selvagem na contemporaneidade? Nesse momento, este trabalho se colocou nessa postura de Selvagem ao questionar o paradigma homogeneizante e normatizante.

REFERÊNCIAS

American Psychiatry Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM-V**. ed. Artmed, São Paulo, 2014.

ANGELL, M. Questões médico-farmacológicas. A epidemia de doença mental. **Revista Piauí. N. 59**. 2012.

ANVISA. Panorama dos dados do sistema nacional de gerenciamento de produtos controlados: um sistema para o monitoramento de medicamentos no Brasil. **Boletim de Farmacoepidemiologia, v. 2**. 2011.

ARAÚJO; NETO. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, Vol. XVI, no. 1**, p. 67 - 82, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf> . Acesso em 15 de abril de 2016.

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro** . Ed. Geração Editorial, São Paulo, 2013.

AGUIAR, A. A. Entre as Ciências da Vida e a Medicalização da Existência: Uma Cartografia da Psiquiatria Contemporânea. **Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/2d_Aguiar_47130903_port.pdf. Acesso em 15 de abril de 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Ed. Portugal, 2008.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Vida Líquida**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2007.

CANABARRO; ALVES. Uma Pílula para (não) viver. **Revista Mal estar e subjetividade**. vol. 9 no.3 Fortaleza, 2009.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Ed. Forense Universitária. 2009

CAPERUTO, et al. Admirável Mundo Novo: Uma Perspectiva Histórica entre a Obra e a Sociedade Pós-Moderna. **Biblioteca on- line de Ciências da Comunicação**,

Temática 67, São Paulo, 2008. Disponível: <http://www.bocc.uff.br/pag/nunes-maira-admiravel-mundo-novo.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

CFP. **Subsídios para campanha não à medicalização da vida**: Medicalização da educação, Brasília, 2012. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Caderno_AF.pdf. Acesso em 04 de junho de 2016.

CHAUI, M. **Simulacro e Poder- Uma análise da Mídia**. Ed. Perseu Abramo, 2006.
_____. Notas sobre utopia. Revista Ciência e Cultura. v.60 n.1. São Paulo, 2008.
Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

COELHO, M.T.A.D; FILHO, N.A.. Normal-Patológico, saúde-doença: Revisitando Canguilhem. **Revista Saúde Coletiva**, v. 9. Rio de Janeiro, 1999.

DANTAS, J. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. **Revista de Psicologia Fractal**, v. 21. n. 3. Niterói, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v21n3/11.pdf> Acesso em: 05 de outubro de 2016.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Ed. Contraponto. Rio de Janeiro, 1997.

DOREA, G. Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênesse e devir. **Revista Margem**, SÃO PAULO, No 16, P. 91-106, DEZ. 2002.

ESPERANZA. Medicalizar a vida. **O livro negro da Psicopatologia contemporânea**. JERUSALINKSY, A.; FENDRIK, S. (Org.) Ed. VL, São Paulo, 2011.

FERRAZZA, D. A., LUZIO, C. A., ROCHA, L. C., SANCHES, R. R. A banalização da prescrição de psicofármacos em um ambulatório de saúde mental. **Revista Scielo. Paidéia, Vol. 20, No. 47**, p. 381-390. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n47/a10v20n47.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2016.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Ed. Vozes. Petrópolis, 1999.

FREIRE-COSTA. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, R; VANUCHI, P. (orgs). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo, Perseu Abramo, 2004.

_____**O vestígio e a Aura: Corpo e consumo na moral do espetáculo.**
E. Garamond. Rio de Janeiro, 2005.

_____**O risco de cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura.**
Ed. Garamond. Rio de Janeiro, 2007.

FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. **Os Pensadores.** Ed. Abril Cultural, 1974

FROMM, E. **A arte de Amar.** Ed. Martins Fontes. 1956.

HAN, B.C. **Sociedade do Cansaço.** Ed. Vozes, 2015.

HARAYMA Et Al. Nota técnica o consumo de psicofármacos no brasil dados do sistema nacional de gerenciamento de produtos controlados anvisa (2007-2014). **Fórum sobre medicalização da educação e sociedade.** 2015. Disponível em: http://medicalizacao.org.br/wpcontent/uploads/2015/06/NotaTecnicaForumnet_v2.pdf. Acesso em: 17 de Abril de 2016.

HILÁRIO, L. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura da UFSC v.18, n. 2,** Florianópolis,2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em 22 de setembro de 2016.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo.** Editora Azul. 22ª ed., 2014.

_____**Regresso ao admirável mundo novo.** Ed. Itatiaia. 1946.

ITABORAHY, C. A ritalina no Brasil: uma década de produção, divulgação e consumo. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

IZAGUIRRE, G. Elogio ao DSM-IV. **O livro negro da Psicopatologia contemporânea.** Ed. VL, São Paulo, 2011.

JERUSALINSKY. Com uma boa dose de carbolitio e um bom ansiolítico você não sentirá aflição pela morte de seu pai- Seja prevenido: se seu pai ainda está vivo Tenha esses remédios em casa. **Correio da APPOA,** n. 90. Porto Alegre, 2001.

LOSSA, M. V. **A verdade das mentiras.** Ed. ARX. São Paulo, 2004.

LOSS, L. Psicopatologia da vida orgânica. . **Correio da APPOA,** n. 90. Porto Alegre, 2001.

MATOS, J. John Dewey e Aldous Huxley: o admirável e o impensável na formação social da mentalidade. **Revista Conjectura,** v. 16, n. 3, Caxias do Sul, 2011.

OLIVEIRA, A.M; MACHADO, M. A adolescência e a espetacularização da vida. **Revista Psicologia & Saúde.** v. 27 n.3 . Belo Horizonte, 2015.

PESSINI, L. Bioética e o desafio do transumanismo: ideologia ou utopia, ameaça ou esperança? **Revista Bioética**, vol. 14, núm. 2. Brasília, 2006.

ROUDINESCO, E **Por que a Psicanálise?** Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2000.

SANDEL, Michael J. **Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética.** Rio Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2013.

SCHEINVAR, E. A família como dispositivo de privatização do social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v.58 n.1 Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180952672006000100006&script=sci_arttext Acesso em: 1 de março de 2016.

SENNET, R. **A corrosão do caráter.** Ed. Record. Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, L. A representação da sociedade em admirável mundo novo de Aldous Huxley e sua versão cinematográfica. **Trem de Letras** , v. 1, n. 1, p. 33-44, 2012.

Disponível em: <https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/viewFile/44/41>. Acesso em: 15 de abril de 2016.

SOUZA, A. R. L. et al. Contextos e padrões do uso indevido benzodiazepínicos entre mulheres: um estudo qualitativo. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v. 18, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v18n4/26.pdf> . Acesso em: 25 de maio de 2015.

SZASZ, T.. **O marketing da loucura.** [Documentário. Dir. SZASZ. 2h 46 min 30 seg.] Associação de Direitos Humanos, Estados Unidos da América, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OhxqNqQDxwU>. Acesso em 31 de maio de 2015.

TELLES, Y. X. A. S.; OLIVEIRA, R. J. A.; SEVERIANO, M.F.V. Poder das marcas na sociedade de consumo: mídia, celebridades e licenciamentos. **Abrapso**, 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/158.%20o%20poder%20das%20marcas%20na%20sociedade%20de%20consumo.pdf. Acesso em: 10 de março de 2016.

ZORZANELLI, R. ORTEGA, F. Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea. **Psicologia & Sociedade**. vol. 23. Florianópolis, 2011.

ZAMBENEDETTI, G. A Mídia e o Processo de Pulverização da Figura do Sujeito Cerebral. **Revista mal-estar e subjetividade**, Vol. XII - nº 1-2, p 73 – 99. Fortaleza, 2012.